***VIVENDO SOZINHA***

Catarina desfez as últimas malas e finalmente se considerou instalada em sua nova residência, uma casinha modesta, mas bem ajeitada.

Observou tudo com prazer e foi tomar um gole de café, o que sempre a revigorava.

Tinha sido uma escolha consciente essa de morar longe do tumulto das grandes cidades, num lugar à beira mar, protegida por um bom esquema de segurança, com altas cercas eletrificadas e alarme em casa, além do cachorro Uísque, seu mestiço de labrador cor de mel.

Ela se sentou no computador e procurou os melhores lugares da cidade para fazer compras.

Havia tempo que tinha se desfeito de grande parte de suas coisas supérfluas e conservava apenas o que poderia lhe servir ou lhe dar prazer.

A filha era jovem e se considerava autossuficiente. Fernanda precisava de uma boa lição e Catarina estava pronta para ser a professora e para isso precisava de espaço e distância.

Sua presença se tornara incômoda e rabugenta demais para a filha, que era jovem e queria liberdade.

Catarina estava às vésperas de completar sessenta anos e tudo parecia depender de meses para desfrutar, digamos de benefícios que premiavam os acima de sessenta, porque quem tinha cinquenta e nove parecia viver no limbo, numa faixa de tempo e espaço intermediária, descolorida e sem perspectivas.

Mas ela era persistente e embora não tivesse tantos privilégios no transporte público ou de modo geral, faltava pouco para conseguir e no fundo ela sabia que tinha direitos genuínos esperando por ela aos sessenta anos!

Depois de uma vida de trabalho com muitos benefícios e bons salários, lá estava ela vivendo de pensão e aposentadoria, mas a situação tinha sido grave financeiramente e ela havia aprendido a sobreviver com o mínimo.

Os sacrifícios que fez para a filha se formar não tinham sido em vão, embora tivessem lhe custado muito para a saúde física e psicológica, mas isso se resolveria com o tempo.

Ela não pretendia se isolar, mas tinha equilíbrio moral para sobreviver bem sozinha.

A primeira ida ao supermercado para abastecer a casa foi uma festa, pois ela pôde comprar o que lhe agradava e fazia cálculos mentais para se conter e levar o suficiente para ela mesma e pretendia se sair bem e provar a si mesma que era capaz de assumir suas escolhas.

Não demorou a que fizesse conhecidos no condomínio e se informasse sobre os serviços do local, que incluíam jardineiros, piscineiros e faxineiras que poderiam ser contratados a preços justos e eram de confiança.

Assim Catarina conheceu Mercedes, que vinha uma vez por semana para fazer faxina na casa e manter tudo limpo, pois cozinhar não era problema, mas sim um grande prazer.

Fazia três meses que Catarina se instalara no condomínio e já dominava todos os passos que poderia dar lá e começava a se ocupar aprendendo a cuidar de seu jardim e de sua pequena horta, de onde colhia os amados temperos para seus quitutes.

A ida ao centro de convivência para se distrair se tornara um hábito, mesmo porque algumas lojinhas começavam a aparecer.

Uísque era seu companheiro fiel e a acompanhava em passeios diários pelo condomínio de coleira porque era obrigatório, mas não precisava, porque era treinado.

Os telefonemas com Fernanda eram quase diários e esse exercício de desligamento era necessário para ambas.

Com o passar do tempo Catarina fez amizade com outras senhoras que viviam sozinhas e elas formaram um grupo, que saia para atividades externas ou se reunia para eventos internos, como partidas de baralho na casa de alguma delas.

A afinidade maior foi criada com Dorotéia, uma das mais antigas moradoras do condomínio que morava sozinha desde que enviuvara há uns dez anos.

- Por acaso vi um anúncio deste condomínio de classe média no jornal de domingo na casa de meu filho e logo manifestei o desejo de vir morar aqui e me afastar dos conflitos familiares corriqueiros na vida de todo jovem casal que está começando a vida. – explicou Dorotéia.

- E já estavam vendendo as casinhas? – perguntou Catarina.

- Sim, mas timidamente, porque as pessoas não acreditavam que tal empreendimento pudesse prosperar nesta parte da cidade, onde antigamente tinha uma fazenda, que foi fracionada no espólio do coronel Capelo, que antes de falecer gerou muita indignação na família quando ele reconheceu legalmente os dez filhos que teve com a amante. Foi um escândalo! – disse Dorotéia.

- Dez filhos com a amante e a esposa nunca suspeitou dele? – perguntou Catarina.

- Sempre suspeitou, mas não tinha como provar, pois os primeiros filhos foram gerados quando a amante servia de ama de leite para os filhos dele e dona Olímpia começou a desconfiar das escapadas dele para a casa da ama durante a madrugada.

- Então a amante morava na fazenda?

- Sim, numa das casinhas destinadas aos colonos e vivia com o marido que trabalhava nas plantações do coronel.

- Mas como podia ser isso?

- Ah, sim, o coronel queria plantações por toda parte e formava grupos de homens para plantar em regiões afastadas, sempre incluindo o Belizário, marido da Olga, a ama de leite.

- Esperto, hein?

- Muito esperto e só não contava que seus olhos castanhos fossem aparecer em dez dos quinze filhos da amante, que tinha olhos verdes como o marido, ambos descendentes de italianos.

- Quinze filhos! Então é por isso que ela era ama de leite, porque não parava de parir?

- Com toda certeza, Catarina, a mulher era uma máquina e isso favorecia o coronel Capelo que se reproduzia como um coelho com a mulher e a amante e havia leite para todos!

A estória havia saído nos jornais locais e indignado a família Capelo de tal forma, que virou um escândalo, principalmente porque a viúva do coronel, dona Olímpia morreu com mais de cem anos e presenciou tudo isso.

Dorotéia continuou contando a estória do condomínio e concluiu:

- Esta parte onde o condomínio foi construído pertencia aos filhos naturais do coronel com a ama Olga e eles uniram seus terrenos e decidiram construir casas mais condizentes com a realidade deles para que os irmãos nascidos do casamento da mãe com o pai pudessem desfrutar deste privilégio e acabaram tendo a ideia de construir outras casas iguais e vendê-las.

Catarina sorriu e comemorou:

- O que foi uma excelente ideia! Então este condomínio é antigo?

- Bem antigo, tem uns cinquenta anos e começou como uma espécie de vila e os netos dessa enorme família, que tiveram o privilégio de irem para a faculdade decidiram ampliar e transformar a vila em condomínio e é por isso que se chama Condomínio Vila Mista. – disse Dorotéia sorrindo.

***OS PARENTES DOS AMIGOS***

Catarina e Dorotéia se tornaram amigas inseparáveis e no início do segundo ano de convivência, as duas viajaram para Fortaleza para visitar o irmão de Dorotéia.

- Pois é Glauco é dentista e todo ano venho no mês de janeiro, que ele está mais folgado para fazer meu tratamento e me hospedo na casa dele. Somos melhores amigos desde sempre.

- É ótimo ter um dentista na família e ele mora sozinho?

- Ainda não, tenho duas sobrinhas solteiras que são funcionárias publicas e moram com ele, mas são adoráveis e animadas. Você vai gostar dos três!

Catarina e Dorotéia chegaram numa sexta-feira à noite na casa do dentista. As filhas dele Flávia e Lorena haviam preparado um delicioso jantar.

- Mas que prazer poder receber você e sua amiga Catarina em minha casa, minha irmã! Entrem, por favor!

Glauco era um homem simpático e bem conservado para seus sessenta e dois anos.

A família do pai era de origem holandesa e a mãe era cearense, portanto Dorotéia se parecia com a família da mãe e Glauco com a família do pai e ambos nasceram com olhos azuis e pele morena e ele era alto, enquanto Dorotéia era menor.

Catarina ficou encantada com a semelhança dos irmãos e com a beleza das moças, que eram simpáticas e realmente animadas.

- Que comida caseira deliciosa! – disse Catarina.

- Minhas filhas adoram cozinhar e se empolgaram com a vinda de vocês, porque uma trabalha de manhã e outra à tarde e se revezaram na cozinha. – explicou o pai.

- Mas você também é bem chegadinho ao fogão e aposto que deu palpites meu irmão! – brincou Dorotéia.

- Dou meus palpites, mas nada sério, apenas sou o provador, o critico, o que decide mesmo! – disse Glauco sorrindo.

Todos riram e aproveitaram a noite quente e estrelada para darem uma volta pela cidade para fazer a digestão e as moças foram encontrar amigos para uma noitada.

- Elas são moças e precisam se divertir. Eu e Dorotéia nos divertimos muito na nossa juventude! – disse o dentista.

- E como! E você se divertiu tanto que acabou se casando tarde e hoje tem duas filhas na faixa dos vinte anos e eu, mais atrevida me casei cedo, vivi um grande amor com meu Cícero e tive dois filhos homens, que me deram noras sob encomenda! – disse Dorotéia meio pesarosa.

Catarina observava essa amizade franca e carinhosa entre a amiga e seu irmão e lamentava pelos irmãos dela que eram uma dominadora e um dominado, uma lástima!

- Por pouco meu irmão não se transforma numa cenoura ou num tomate, porque além de minha irmã ser insuportavelmente ciumenta de mim e dominadora, a mulher com quem ele se casou é imatura demais. – disse Catarina, que lastimava profundamente a indiferença dos irmãos, mas estava acostumada e conformada.

- Mas agora você tem a mim, já que deixou suas amigas na tua cidade, não foi? – perguntou Dorotéia.

- Chamá-las de amigas é um termo meio forte, eu diria que são mais conhecidas, porque todo mundo se esconde por trás de uma convivência digamos politicamente correta. – respondeu Catarina.

- Mas às vezes temos mais afinidade com umas do que com outras e isso vale a pena, mesmo que discordemos na maioria das coisas. – disse Dorotéia sorrindo.

- Pior quando nunca temos nem conhecidos e muito menos amigos politicamente corretos como disse Catarina. – comentou o dentista.

Os três riram e foram se sentar num quiosque para tomar um sorvete porque a noite estava quente demais.

- Amanhã chove, cai uma pancada no final da tarde e depois faz uma noite tão bonita quanto esta, tem sido assim ultimamente por estas bandas. – comentou Glauco.

- Onde estamos chove menos, mas tem sido mais ou menos assim também e faremos o quê no fim de semana? – perguntou Dorotéia.

- Óxente! Você quer é saber do Forró dos Quartos, não é? – disse Glauco rindo.

Dorotéia adorava dançar forró e não perdia nenhuma oportunidade de levar Catarina dançar também.

- E como é que você sabe disso meu irmão?

- Porque todo ano nós vamos lá desde que nascemos! É ruim eu não adivinhar que você quer é dançar forró!

- E por que se chama Forró dos Quartos? – perguntou Catarina.

Os dois riram e Glauco explicou:

- Porque lá era uma hospedaria e de repente ficou muito caída pelo passar dos anos e para reformar o local, os moradores decidiram se amontoar em dois quartos e fazer bailes nos outros e assim nasceu a casa, que hoje é só de forró!

- Deve ser mesmo bom, se vocês costumam frequentar!

- E é mesmo! – respondeu Dorotéia se assanhando.

***O FORRÓ DOS QUARTOS***

Catarina estava feliz por sair um pouco do condomínio e conviver com o irmão da amiga, que era simpático e animado como as filhas e ela sabia que ele se casara com uma mulher mais velha e ficara viúvo há uns dois anos.

A praia foi a escolha das duas no dia seguinte e Glauco atendeu de manhã um paciente em emergência com um problema de canal, enquanto as moças dormiram até mais tarde e prepararam o almoço num instante, aproveitando pratos do dia anterior.

As duas amigas estavam acostumadas a tomar sol de manhã e à tarde no centro comunitário do condomínio e foram mais cedo para casa para ajudarem as moças a fazerem o almoço.

- Não carece tia Teia, porque está quase tudo pronto, só vamos refogar a carne moída com a moranga e logo servimos! – disse Flávia abraçando a tia.

Lorena estava preparando uma mousse de chocolate e sugeriu que as mulheres poderiam colocar a mesa.

- Mas é pra já! – disse Catarina.

Glauco chegou suando porque veio a pé.

- Um copo d’água bem temperado resolve meu afogueamento! Que calor! Vocês não estavam neste sol, não é mesmo? – ele perguntou a Dorotéia.

- Não somos loucas nem senis, meu irmão. Sabemos tomar sol até as dez e depois das quatro da tarde, não se apoquente! – respondeu Dorotéia.

- Vou tomar uma ducha e já volto! Dá tempo Flávia? – perguntou o pai.

- Está perfeito paizinho! – respondeu a moça remexendo a carne com moranga, que cheirava a léguas dali de tão saborosa.

O almoço foi delicioso e a sesta veio a calhar naquele dia quente de verão.

À noite as moças saíram com amigos e os três seniores se arrumaram para irem ao Forró dos Quartos, depois de comerem a pizza caseira de Catarina, que fez o maior sucesso.

- Só paulista mesmo para fazer uma pizza dessas! – disse Glauco elogiando Catarina.

- Nada demais, apenas o hábito. – respondeu Catarina lisonjeada.

- E os temperos! Porque por aqui se põe cominho em tudo, que mata o sabor dos outros temperos e nesta casa não entra nunca! Eu detesto! – disse Glauco.

- E eu concordo e minha amiga Catarina também não suporta. – comentou Dorotéia.

O Forró dos Quartos ficava em bairro boêmio da cidade e se destacava pelos clientes assíduos e os turistas, que lotavam as dependências do local toda noite.

- Isto abre direto e não tem folga pra ninguém! Todo mundo se diverte nem que seja tomando água, porque o forte aqui é a dança, porque quando a banda pára tem DJ para animar a festa. – disse Glauco cumprimentando muitas pessoas.

- Pelo jeito você conhece muita gente por aqui. – comentou Catarina.

- Há muitos anos sou frequentador, fiquei meio afastado durante meu casamento e quando as meninas eram pequenas, e depois que enviuvei voltei de vez. – respondeu ele como se fosse a coisa mais natural do mundo.

E Glauco era praticamente tirado para dançar por mulheres mais maduras e moças, porque ele era realmente um pé de valsa dançando forró.

Catarina e Dorotéia também dançaram com ele e com outros colegas do dentista, que pareciam não ter nada a fazer na vida além de dançar.

- Mas é isso mesmo, minha amiga, dançar é bom para animar a vida e até minhas sobrinhas vêm aqui de vez em quando para tirar a ferrugem das juntas! – disse Dorotéia naturalmente.

E nem bem terminou de dizer isso as sobrinhas entraram com uma turma de jovens, cumprimentaram o pai e as mulheres e foram dançar.

Catarina sabia que aquele tipo de casa noturna existia no nordeste e achava que era só para turistas, mas pelo jeito parecia ser de praxe que os locais frequentassem normalmente esses lugares.

Glauco dançou à vontade com suas conhecidas e depois voltou à mesa e disse:

- Agora vou me dedicar a dançar com Catarina, se me permitir, porque vou lhe mostrar várias maneiras de dançar sem se comprometer, só para dançar mesmo!

Catarina se animou, porque ia aprender com o mestre e logo estava na pista de dança se divertindo como nunca.

A noite foi muito melhor que suas melhores expectativas e ao chegar a casa e deixar as pernas de molho na salmoura foi o melhor que fez, pois no dia seguinte estava disposta.

O domingo amanheceu ensolarado e a praia serviu para relaxar ao sol, aproveitar os bons momentos daquelas duas semanas em companhia do irmão de Dorotéia e das filhas dele e naturalmente conviver com a amiga pela primeira vez.

Dorotéia era de bom gênio e nunca se aborrecia, porque ela era pachorrenta e calma por natureza e só o cominho a tirava do sério.

Catarina era mais agitada e ainda não perdera as manias de ter pressa para tudo e se aborrecer com as barbeiragens do trânsito.

- Deixe pra lá, minha amiga! Aqui você está no nordeste e a vida tem outro ritmo, ainda não percebeu? – dizia Dorotéia.

Aos poucos Catarina começava a se desfazer dos hábitos de mais de meio século e entrava no clima do local, aprendia a relaxar, tomar sol, passear e se divertir.

Ela acabou fazendo uma consulta com Glauco e tratou dos dentes e tanto ela quanto Dorotéia iam diariamente ao consultório para adiantar as coisas.

- Nunca pensei que um dentista pudesse ter a mão tão leve! Estou admirada! Seu irmão é rápido, limpo e perfeito! E ainda por cima dança forró como ninguém! – disse Catarina.

- E por conta dessa perfeição dele, teremos de ficar mais uns dias aqui, porque minha ponte não ficou do jeito que ele imaginava e ele mandou refazer em outro protético. – disse Dorotéia calmamente.

- E isso não te irrita?

- De forma alguma, primeiro porque não estou em casa de estranhos, adoro ficar aqui vendo e participando do movimento do verão, me divirto com você, amo a companhia de meu irmão e minhas sobrinhas e ficaria agastada se isso a incomodasse.

Catarina sorriu porque jamais se sentira tão bem e bem-vinda em sua vida e por estar com gente nova e diferente disse:

- Se quer mesmo saber, esse atraso não me incomoda de forma alguma! Pelo contrário, me sinto bem demais aqui e estou adorando!

- Pronto! Não preciso mais me preocupar com nada, se minha amiga se sente bem!

Catarina se sentia mais que bem, se sentia feliz e ótima com aquele sol, o sotaque das pessoas, as compras de besteiras na feirinha do calçadão, as noites de forró, o bronzeado e o tratamento dentário que era excelente e saíra a preço de custo, porque Glauco se negava a cobrar a mão de obra da amiga da irmã querida.

***A VIDA SIMPLIFICADA***

Catarina fazia a contagem dos vestidos vaporosos de linhão que havia comprado na feirinha a preços modestíssimos e se sentia ganhar uma vida nova e simplificada.

A casinha onde morava no condomínio era linda, arejada e de bom tamanho.

A alimentação era barata e simples, e a faxineira Mercedes era um primor de ordem, higiene e capricho.

Catarina não frequentava lugares chiques para ter de gastar em roupas caras e quando saia aproveitava o que havia trazido, incrementando com acessórios do artesanato local e se misturando bem com os locais e os turistas, dependendo do dia.

As sobrinhas da amiga a levaram fazer compras numa loja de vestidos maravilhosa de uma jovem estilista talentosa, de nome Milena, que era visitada por turistas inclusive de outros países e praticava preços convidativos e justos para as coleções de prêt-à-porter.

- Agora tenho roupas para o dia a dia e para ocasiões mais requintadas, e não posso reclamar, porque gasto pouco e me sinto saudável e feliz.

Dorotéia se sentia parte desse estado de espírito da nova Catarina, que chegara irritadiça, solitária e distante e aos poucos mostrava sua natural e genética hospitalidade italiana.

O condomínio ficava a meia hora de Fortaleza e Glauco prometeu ir visitá-las para comer novamente a lasanha e os outros pratos deliciosos que Catarina preparara na casa dele.

- Nunca mais passo sem esse molho de tomates, que tomo com a colher! – disse ele a Catarina.

- É tão pertinho que você pode vir almoçar em casa com as meninas todo domingo se quiser! – ofereceu Catarina.

- Não duvide! – ele respondeu sorrindo.

Assim, após três semanas maravilhosas em Fortaleza, as amigas voltaram para casa e foram buscar Uísque, que ficara no canil de uma vizinha e adorou rever a dona.

A vida recomeçou e Catarina passou a ter reflexões cada vez menos elaboradas, afastando o medo e a sensação de perigo eminente que a acompanhara por anos.

A filha Fernanda pretendia vir em fevereiro para passar o mês inteiro depois das férias com a mãe, porque em janeiro tudo era complicado demais.

Dorotéia ansiava por conhecer Fernanda e entender o que havia afastado as duas, pois Catarina fora sincera e não quisera colocar a culpa da separação delas apenas em cima da filha, assumindo sua parcela.

Duas semanas depois Glauco cumpriu sua promessa e foi passar o domingo no condomínio com a irmã e Catarina, que lhe preparou uma deliciosa lasanha com frango assado e salada verde.

- Na semana que vem receberei a visita de minha filha que virá passar o carnaval e o mês de fevereiro de férias. – disse a anfitriã.

- Pois eu ofereço hospedagem a vocês para que a moça Fernanda passe o carnaval com minhas filhas e se divirta à cearense! – disse Glauco animado como sempre.

- É mesmo? Que ótimo!

- Óxente! Pois é claro que é! E minha irmã vai também, não vai?

Dorotéia estava doida para conhecer Fernanda e estava mesmo querendo pedir esse favor ao irmão, e no final nem foi preciso e ela disse:

- Mas é claro que eu vou! Você sabe muito bem que adoro carnaval de rua!

Fernanda chegou no sábado anterior ao carnaval à tarde e ficou animadíssima para ir a Fortaleza e conhecer o famoso doutor Glauco e as filhas dele, Flávia e Lorena, duas moças com idade compatível à dela.

Dorotéia acompanhou Catarina ao aeroporto de Fortaleza e depois voltaram para casa, pois Fernanda só tinha estado uma vez na casa da mãe, assim que ela havia se mudado e ansiava rever Uísque.

- Que saudade mãe! Como você está bronzeada! Dona Dorotéia, é um prazer e uma honra conhecê-la!

- Imagine eu, que ouço falar de você todos os dias! Estava em cólicas para te conhecer menina!

A empatia foi imediata e Fernanda entregou alguns presentes para a mãe e outros para Dorotéia, que conhecia apenas pela câmera do computador e por fotos.

- Você vive no paraíso pelo que vejo mamãe! Que lindo está tudo aqui mais cearense digamos com bom gosto e elegância! Parece outra casa!

- Sim e você esteve aqui apenas uma vez e um ano depois as coisas mudaram.

Fernanda percebia ainda uma pontinha de reprovação na voz da mãe, mas não era o momento de conversar para discutir a relação das duas e ela preferiu desfrutar do clima de reencontro para começar a relaxar em suas férias.

***COMO É LINDO O CEARÁ***

No dia seguinte Fernanda levantou na hora em que não tinha mais sono e encontrou um bilhete da mãe dizendo que estava na piscina do centro comunitário com as amigas.

Uísque veio cumprimentar a moça e correu feliz pelo quintal.

Essa liberdade inspirou Fernanda, que se sentou à mesa da cozinha e ficou observando o sol da manhã batendo sobre a hortinha da mãe, que já possuía inúmeros temperos.

Ela se lembrava do quanto ela e a mãe conversavam sobre plantar vasinhos de tempero no minúsculo apartamento e a inviabilidade de tudo isso, mas agora era diferente, Catarina tinha seu quintal, ainda que pequenino e alugado, mas era um cantinho do paraíso como sempre sonhara e Uísque poderia correr solto e feliz liberando sua energia de cão ativo em travessuras com os cães da vizinhança e correndo atrás dos gatos.

Fernanda decidiu caminhar até a piscina comunitária e foi apreciando a paisagem com alegria.

Isso é que era vida, poder sair de casa, ter aonde ir e não precisar gastar.

Tudo estava ali à disposição de sua mãe e agora dela, que poderia desfrutar de tudo e não se preocupar com nada, pois até amigas a mãe já havia conquistado e moravam no mesmo local, se visitavam, se ajudavam e se consolavam talvez.

Catarina se queixava do isolamento em que vivia no apartamento, ela estava sempre sozinha e sem opções de diversão, porque tudo era caro e penoso. A cidade grande lotada, os preços nas alturas e o orçamento restrito, dedicado às despesas essenciais.

O perigo de andar ou dirigir à noite, o desgaste de estar sempre alerta e a solidão de não ter companhia para passeios simples, porque nada era tão divertido como dar alguns passos passeando pelo condomínio até chegar ao centro comunitário e encontrar pessoas simpáticas para passar o tempo e jogar conversa fora.

Fernanda sabia que sua mãe era uma mulher discreta e pouco falava de sua vida privada, mas certamente que Catarina era simpática, desinibida e de fácil convivência, desde que a aceitassem como era, de poucos, mas grandes amigos.

Dorotéia devia ser a quintessência da amizade para a mãe conceder-lhe tantos privilégios e promove-la à categoria de amiga, mas certamente com reservas, até prova em contrário, para o sim ou para o não.

Fernanda conhecia bem Catarina e sabia que muitas vezes ela conversava, mas nem sempre dizia o que realmente pensava.

Ainda teriam duas boas horas para tomar sol e a moça conheceu outros moradores e se deitou numa espreguiçadeira para tomar sol à vontade, e muito bem protegida com cremes e loções.

O almoço estava adiantado e Dorotéia sempre contribuía, pois não tinha graça almoçarem sozinhas no domingo também.

Dois dias depois dessa rotina maravilhosa de sol e passeios ou sestas à tarde, as três mulheres pegaram a estrada e depois algum tempo estavam em Fortaleza diante da casa de Glauco.

Era inicio de noite e Dorotéia que foi em seu carro aproveitou para mostrar algumas paisagens lindas e famosas no caminho para Fernanda.

O sol se punha e Glauco as aguardava na varanda lendo o jornal para se distrair.

Ele desceu para ajudar com as malas e logo foi dizendo:

- Seja bem-vinda Fernanda, tem um jabá lhe esperando na mesa! Minhas filhas estão a pleno vapor na cozinha e eu já fiz minha parte, agora é só fazer sala para as visitas!

Fernanda ficou encantada com a semelhança entre os irmãos Glauco e Dorotéia, embora ele fosse alto e encorpado e ela fosse miúda e baixinha.

Todos estavam bronzeados e com excelente aparência saudável.

As moças se enturmaram imediatamente com a recém-chegada e prometeram muitos passeios, pois ambas tiravam férias em fevereiro para curtir o mês do carnaval que era o melhor do ano para tudo.

- Ah, pois agora o movimento de turistas diminui, e na semana do carnaval aumenta, mas é outro tipo de publico, um pessoal mais adulto, já que as férias escolares terminaram. – disse Flávia.

Lorena era tão expansiva e simpática quanto a irmã e logo convidou Fernanda para irem ao forró dos Quartos.

A moça exultou com a estória do local e por saber que Glauco era frequentador antigo e conhecido.

- Pois olhe que amanhã só tenho pacientes na parte da tarde, porque pensei mesmo que pudesse acompanhar as moças ao forró e não quis me comprometer! – disse o dentista sorrindo.

Flávia e Lorena telefonaram para os amigos que logo toparam a festa durante a semana e se reuniram no forró dos Quartos para conhecerem a paulistana.

Fernanda se divertiu com os jovens e com Glauco, que fez questão de dançar com ela e arrancou gargalhadas da moça com seu jeito nordestino simples de ser.

- Pois olhe moça que eu gosto por demais de dançar e só me canso quando a mulher tem cintura de aço e não sabe rebolar!

Catarina observava a filha dançando e rindo com Glauco e intimamente imaginava que depois de adulta Fernanda nunca dançara com o pai.

Isso a magoava, mas vinha reforçar sua escolha em se afastar de um homem tão mesquinho e insensível, que pelo jeito só tinha mesmo era dinheiro para dar à filha, isso quando dava e não se escondia como um rato ladrão.

Glauco dançou com a irmã e as filhas e depois, como fazia sempre dedicou horas dançando com Catarina.

Isso chamou a atenção de Fernanda, pois enquanto ele era extrovertido e não parava de falar com as mulheres com quem dançava com a mãe dela ele parecia se concentrar e ficava mais sério.

Seria interesse?

Dorotéia dançava com todos, principalmente velhos amigos seus e do irmão; as moças se divertiam com outros jovens e Fernanda se sentia integrada e feliz.

Glauco era um cavalheiro e às duas horas da manhã se retirou com a irmã e Catarina e deixou as jovens se divertindo à vontade.

Dorotéia protestou, mas como gostava de tomar sol na praia, logo se conformou e cochilou no carro.

Catarina estava atenta e pensava na firmeza dos braços de Glauco a conduzi-la pelo salão com tanta graça e elegância, sem jamais ser atrevido.

Ele parecia um homem de bem com a vida apesar de ser viúvo e ela nunca o vira de mau humor.

- Ele tem lá as coisas dele como todos nós. É organizado demais e aborrece as meninas às vezes por pouca coisa, mas elas amam o pai e relevam, porque a mãe era diferente, sempre ocupada com as coisas dela e não gostava de dançar nem de sair com a família e isso os afastou um pouco. – contou Dorotéia.

- E foram muitos anos de casamento?

- Pouco mais de vinte e de repente ela se foi, mas dai em diante as meninas se aproximaram mais do pai e deu nisso que você vê que é puro chamego de família.

- E suas sobrinhas não falam em sair de casa?

- Óxente! Mas para que sairiam se elas têm uma vida boa e farta com o pai que não lhes nega nada? De maneira alguma! Elas aproveitam a vida, isso sim!

Catarina se calou e continuou curtindo o sol, enquanto Fernanda e as filhas de Glauco passeavam pela praia.

E por coincidência o assunto era o mesmo.

- Você não se avexa de ficar longe de sua mãe? – perguntou Flávia.

- Foi melhor para nós, que andávamos nos desentendendo demais. Mamãe se queixava da solidão e do isolamento e sempre sonhou em morar na praia aqui no nordeste. Eu dei a maior força e não me arrependo, porque posso falar com ela quando sinto vontade e ela faz o mesmo.

- Mamãe era diferente de papai, não gostava muito de festas, e vivia com as amigas dela, bem ao contrário de sua mãe, pelo jeito. – comentou Lorena.

- Cada um tem um jeito e o de minha mãe é esse. Eu sinto que ela está feliz e fico muito satisfeita por ver o quanto ela se deu bem com a tia de vocês. – disse Fernanda.

- A tia Teia é cismada e nem sei como ela foi ficar tão amiga de sua mãe, que é a primeira amiga que ela traz para nossa casa. As duas se deram bem mesmo! – disse Flávia.

- E seu pai não pensa em se casar de novo? – perguntou Fernanda.

- Ele se apoquentou tanto que agora achamos que está desfrutando da liberdade de ser solteiro novamente. – disse Lorena.

Fernanda ficou quieta, mas no fundo torcia por Glauco e Catarina e só de saber que ele ia de vez em quando almoçar com sua mãe e a irmã no condomínio, por enquanto estava de bom tamanho.

***UM CARNAVAL ANIMADO E DIFERENTE***

Os blocos de rua eram novidade para Fernanda que pela primeira vez passava o carnaval em Fortaleza.

Muita animação, paqueras e diversões se tornaram o foco das três moças e seus amigos, que passavam o dia todo na folia.

Glauco, Dorotéia e Catarina iam à praia de manhã enquanto as moças dormiam.

Os três amigos saiam e apreciavam o movimento constante dos foliões que se esbaldavam por toda parte.

Era preciso ter muita confiança nos jovens para soltá-los num carnaval desse tipo, mas Catarina confiava no bom senso da filha e no conhecimento que as filhas de Glauco tinham como locais e se despreocupava, aproveitando para ver os desfiles à noite e tocar a vida de praia e sol na companhia da animada Dorotéia e do simpático Glauco.

Um dente lascado levou Catarina ao consultório de Glauco na tarde da terça feira gorda.

Dorotéia estava customizando as camisetas das moças à máquina e ficou em casa.

Glauco e Catarina seguiram sozinhos a pé para o consultório, passando por diversos blocos no caminho.

- Você gosta de carnaval? – ela perguntou.

- Gosto sim, mas daqueles de antigamente quando as pessoas tinham mais modos e menos malícia e você? – ele respondeu.

- Eu penso como você e lá em SP nós íamos aos salões e lá estava a diversão, muitas vezes em família. Hoje é só bandalheira por toda parte, as pessoas não curtem mais fantasias e vestem o mínimo de roupa possível.

Glauco ficou pensativo e começou a trabalhar no dente de Catarina e disse:

- É uma pena que se valorize tanto a aparência hoje em dia. Todas as manhãs quando me olho no espelho me vejo cada dia mais amassado e com os cabelos mais brancos. Às vezes tenho a impressão de que não sou eu o reflexo do espelho, porque me sinto tão vivo e saudável que aquele velho não pode ser eu!

Aquelas palavras com uma ponta de amargura não pareciam vir dele, mas eram sim, ele as dizia e Catarina, que impossibilitada de responder apenas olhou para ele.

Os lindos olhos claros de Glauco pareciam sorrir para ela por trás da máscara de dentista e ele disse:

- O que a levou a escolher morar aqui sozinha e estar tão longe de casa?

Catarina foi liberada porque Glauco havia terminado.

Ela se endireitou na cadeira que ele levantou e disse:

- A solidão me trouxe aonde eu sempre quis viver e na impossibilidade de vir com minha filha, eu vim sozinha.

- E não teve medo de se sentir ainda mais sozinha? – ele perguntou.

- Seria impossível acontecer isso, Glauco, porque eu não tinha como me sentir mais sozinha, eu cheguei ao meu limite e imaginei que morar naquele lindo condomínio que eu vi pela Internet poderia me fazer bem. Viver ao ar livre, conhecer pessoas sem me comprometer e ter a praia como paisagem de fundo.

Ele sorriu e terminou de ajeitar as coisas, mas não se levantou do banquinho e respondeu:

- Eu entendo tudo que você me diz e confesso que me senti assim muitas vezes durante meu casamento, embora não queira ser deselegante e confidenciar segredos de alcova, longe disso, mas mesmo acompanhado e de casa cheia, eu me sentia sozinho e isolado igual a você.

- Mas eu fiquei mesmo sozinha de fato e isolada numa cidade onde tudo é difícil e complicado. Eu me senti como uma estrela isolada, eu acumulei conhecimentos e sabedoria e lá estava eu todas as noites sentada naquele sofá de apartamento, numa janelinha entre tantas e quantas pessoas se sentem como eu e não têm para onde ir?

- Ou a coragem de criar a oportunidade como você teve, porque você também não tinha para onde ir. – ele ponderou.

- Tinha apenas o desejo de passar os últimos anos de minha vida à beira mar, no nordeste onde faz calor para aquecer meu corpo e minha alma.

- É uma atitude corajosa porque você teve de vir sozinha apenas com seu cão.

- Mas eu precisava fazer algo, pois já estava saturando minha filha com minhas intermináveis chatices de mulher madura e sem companheiro. Para ela eu era a castradora egoísta e me cansei de tanta incompreensão.

- Fernanda parece lhe admirar muito e lhe amar de verdade Catarina! Você não estaria exagerando?

- De maneira alguma, porque combinamos várias vezes de parar de conversar e isso durava pouco de cada vez e a distância entre nós começou a incomodar. Ela queria ser livre e eu também para viver minha vida do meu jeito e não era naquela janelinha de setenta metros quadrados com paisagem de outros prédios que eu queria terminar meus dias.

- Uma cidade grande com tanta gente pode ser o pior lugar para se morar, pelo que eu estou percebendo e acho que você fez muito bem em vir para cá e se permitir de se relacionar com outras pessoas, porque minha irmã gosta demais de você.

- E eu dela, mas confesso que hesitei no começo e quando percebi estava realmente à vontade com Teia, que é uma pessoa forte e decidida como eu!

Glauco sorriu e se levantou e parecia que algo estava se passando na cabeça dele, pois disse:

- É a primeira vez que saímos sozinhos e gostaria de convidá-la para tomar um sorvete e ver o por do sol de um lugar muito especial. Quer ir?

Catarina concordou e logo os dois estavam caminhando no calçadão e indo em direção sul, a umas pedras que pareciam formar uma plataforma no quebra mar.

Glauco ajudou Catarina a escalar as pedras e ambos se sentaram apreciando as ondas que morriam ali, quase aos pés deles.

- Não é lindo ver o céu se tornar cor de rosa, violeta e cor de abóbora? – ele perguntou.

- É lindo demais e às vezes vou caminhando pela praia no final da tarde para ver esse espetáculo gratuito e maravilhoso.

- Sozinha? E se mal lhe pergunte, você não tem companheiro e é por quê?

Glauco parecia sinceramente interessado na resposta e Catarina disse:

- Talvez seja o destino, Glauco, ou as pessoas que amadurecem e se isolam, achando que ninguém lhes serve ou apenas o cansaço de tentar se relacionar e não ver os resultados esperados.

- E você espera o quê de um homem agora, que está assim madura e vivida?

- Eu espero companheirismo, cumplicidade, que juntos possamos viajar, passear, rir, ler, dançar, curtir a vida, apreciar os netos que porventura vierem de filhos que não tivemos em comum, porque nesta idade é impossível.

- É verdade e o que poderia oferecer a um filho um pai de sessenta anos? Nem fôlego para jogar futebol e nem disposição para grandes aventuras. Você tem razão.

- E a mulher só se adotasse, mas, acho que somos mães mais novas por alguma razão da natureza.

- Óxente! Pois é claro que sim!

Catarina sorriu. Glauco fazia perguntas como se quisesse encontrar respostas que fizessem sentido ou combinassem com aquilo que ele pensava.

Ela se encheu de coragem e perguntou:

- Dizem que os homens nunca vivem sem companhia feminina e você por que não se casou novamente?

- Porque eu quis sentir a liberdade de ser solteiro com duas filhas adultas e desfrutar de tudo do meu jeito mesmo, sem ter de representar para ninguém e não ficar sério quando minha vontade é de ser feliz e alegre. Acho que eu me sentia um pouco castrado em minha espontaneidade.

Ele falava as coisas sempre de maneira séria e compenetrada, o que contrastava com seu jeito natural que era solto e sorridente. Glauco parecia ter profundas mágoas de uma mulher que não o compreendia ainda fincadas dentro dele, que o impediam de namorar alguém e tentar recomeçar.

Esse assunto íntimo não interessava a nenhum dos dois nesse instante, porque era a primeira vez que eles conversavam sem a presença da irmã dele, que era adorável, mas estava sempre por perto.

***A SURPRESA DO PASSADO***

Fernanda foi convidada para passar alguns dias em outra praia com as filhas de Glauco e outros jovens e Catarina voltaria para casa com Dorotéia.

Isso era o combinado, mas foi antes do telefonema de Candeias, um antigo amigo de juventude de Dorotéia, que tinha dançado com ela no forró, na semana anterior ao carnaval.

Candeias era um cearense muito divertido que falava rápido e tinha trejeitos bem nordestinos.

O homem era jornalista e animava um programa de rádio que era muito popular e fazia sucesso há mais de trinta anos.

Figura conhecida na sociedade cearense, tanto nas altas rodas quanto na noite boêmia, Candeias era um grande orador e animador e não raro era presença VIP e obrigatória nos eventos da cidade ao lado de grandes estrelas populares, como escritores, artistas, compositores e cantores.

O Forró dos Quartos, famoso como era sempre atraia Candeias e seu eventual grupo, que naquela noite era de jornalistas estrangeiros.

No meio de toda a gente que lotava os quartos do Forró, Dorotéia tinha encontrado com ele ao ir sozinha ao banheiro num intervalo de danças.

- Mas se não é a Dorotéia? – disse Candeias de braços abertos sorrindo para a irmã de Glauco num canto do salão.

- Óxente! Candeias? Meu velho amigo! Há quanto tempo rapaz! Por onde você andou? – disse ela surpresa abraçando o jornalista.

- Eu falo no rádio todo dia, mulher! E tu andaste por onde, foi?

Dorotéia se sentou no bar e tomou uma cerveja com o amigo e de conversa em conversa, os dois descobriram que tinham ficado viúvos e que os filhos tinham família e lhes dado netos e ambos moravam sozinhos. Ele em Fortaleza e ela no condomínio.

E não demorou a saírem dançando relembrando os velhos tempos de juventude, quando tiveram um namorico sem compromisso nenhum.

Candeias vivia cercado de mulheres porque era carismático e tinha o emprego no rádio, que atraia muita gente, principalmente gente do sexo feminino, que se encantava com sua voz, embora ele não fosse nem de longe um homem bonito.

Mas Dorotéia o achava fascinante, porque ele era mesmo, mas estava envelhecido, perdeu os cabelos e parecia ainda mais baixo, mas o espírito dele permanecia alerta e jovem.

Glauco os viu de longe e reconheceu o almofadinha da época, sempre na última moda, elegante e galanteador, que acabou se casando com uma mulher mais velha e adotando dois filhos dela, além dos três que teve com ela.

Germina mantinha o marido na linha e era dengosa como nenhuma outra, mas envelheceu depressa devido às agruras da maternidade, tinha dois filhos jovens e três crianças e isso a consumiu, porque não conseguia acompanhar o marido, que continuava a ser galanteador e eloquente.

Candeias segurou o casamento como pôde porque gostava mesmo da mulher e dos filhos, mas precisava de liberdade para fazer seu trabalho que sempre incluía mulheres, noitadas, bebidas e festas.

Isso terminou por consumir Germina que acabou se extinguindo como uma lamparina gasta.

Dorotéia trocou telefones com o amigo e se despediu dele com pesar.

E o homem sumiu durante o carnaval, porque andou de canto em canto e onde havia folia com artista em ascensão lá estava ele animado e alegre como sempre.

E naquela tarde em que as moças embarcaram para a praia dois dias depois do carnaval, Candeias voltava à cena para convidar Dorotéia para jantar num novo restaurante chique recém-inaugurado.

- Mas olhe Glauco, eu acho que esta noite você terá de jantar sozinho com Catarina, porque eu vou conhecer um novo restaurante com Candeias, não sabe?

- Deixe comigo e vá e se divirta minha irmã, que isso não é sempre que acontece! Eu me viro bem com Catarina e estamos ficando amigos de verdade.

Dorotéia sorriu, abraçou e beijou o irmão e foi contar a novidade a Catarina, que estava lendo no quarto dela.

- Que sorte! Aquele homem parecia lhe fazer rir o tempo todo! E foi seu namorado na juventude? – perguntou Catarina empolgada pela amiga.

- Foi um pequeno caso de leve, daqueles que você nem percebe. O cabra era tão mulherengo e voava tão depressa que não dava tempo nem de pensar nele, porque desaparecia das vistas num piscar de olhos e eu quero mesmo é me divertir, conversar, rir e espairecer e se ele me der uns beijinhos até que retribuo!

Catarina começou a rir do assanhamento de Dorotéia, que nunca havia demonstrado nada e disse:

- Pois faz muito bem e aproveite a noite! Fique bem bonitona!

Dorotéia piscou divertida e disse:

- E eu também acho que se Glauco quiser lhe dar uns beijinhos, aproveite, que beijo não tira pedaço!

Catarina deu uma gargalhada e apenas disse:

- Óxente!

Fazendo Dorotéia quase engasgar de rir.

Mas no fundo não seria uma má ideia se Glauco se animasse a dar uns beijos em Catarina, que se sentia segura e à vontade ao lado do dentista, que sempre estava de bom humor.

Dorotéia estava cuidando de seus interesses e se arrumando quando Glauco entrou no quarto de Catarina, que mantinha a porta aberta e disse:

- Já que estamos apenas nós dois que tal irmos jantar fora, comer algo de seu agrado?

- Acho uma excelente ideia e o que você sugere?

- Que eu saiba você gosta de tudo e eu também. Podemos escolher à vontade, e que tal um jantar caseiro à moda mineira?

Catarina concordou e Glauco adorou, porque ele gostava de tudo e topava até as novidades.

Era sempre divertido passear na feirinha do calçadão depois do jantar para fazer a digestão e a cidade ainda estava recheada de turistas que tinham vindo para o carnaval.

***CANDEIAS E A NOSTALGIA***

Mas em outro restaurante Candeias usava de toda sua eloquência para fascinar ainda mais uma Dorotéia disposta a dar uns beijinhos naquela noite e aproveitar bem a disponibilidade momentânea de um Candeias que adorava sumir.

- Adorava minha querida, hoje mudei. Sou um homem mais assentado, mais velho, mais cansado. Meus desejos são outros muito mais prosaicos.

- Mas você sempre foi tão efervescente, que eu e todo mundo achava que você não ia parar é nunca! – disse Dorotéia convicta de suas palavras.

- Nunca é forte demais até para mim, minha deusa, eu percebi que ando me cansando com mais facilidade, embora minha energia continue boa, mas passei dos sessenta e já não vejo tanta graça em me levantar tarde e me deitar quando o dia já raiou. É cansativo e desregula todo nosso relógio biológico.

- Você pensando assim? Vai me dizer que agora vai querer reverter tudo e se deitar e levantar com as galinhas?

Dorotéia era encantadora na sua graça natural. O jeito faceiro, as covinhas graciosas dos dois lados do sorriso e sua natural inclinação para a compreensão que desenvolvera em anos de profissão de orientadora pedagógica, tinham lhe conferido um tom de voz maternal, o que agradava sobremaneira ao nosso amigo Candeias, que apreciava as mais velhas desde moço.

Embora Dorotéia tivesse uns cinco anos a menos que ele, ela lhe parecia fresca e madura, como uma jaca pronta para ser saboreada, o que no caso dele estava começando a ser preocupante, pois ele tinha sido homem de mil mulheres e só de uma na verdade, sua Germina, a mãe falecida de seus filhos, que agora não contava mais.

A organização que a finada mulher mantinha em tudo que era dele ia desde a pasta de dente ao sapato engraxado e jamais havia indício sequer de bagunça pela casa.

Mas agora os tempos eram outros e Candeias, que conservava apenas uma faxineira mantinha tudo em desordem e nunca sabia onde estava o outro pé de meia que queria usar.

A luta diária por uma roupa limpa e passada estava cansando o jornalista e a faxineira era lerda e chegava atrasada, e mal o homem tinha se deitado ou pegado do sono e Zuleica chegava atrapalhando a vida dele.

Isso estava acontecendo há seis anos, desde que Germina passara desta para melhor e Zuleica vivia se aproveitando do desregramento de horários do patrão para chegar cada vez mais tarde.

Fazia três meses que o programa diário de Candeias na rádio local havia sido diminuído em meia hora e agora se falava em cortar mais meia hora, porque os patrocinadores tinham mudado e o que era sólido há mais de trinta anos começava a desandar.

Candeias andava preocupado, porque achava que ainda não era tempo de se aposentar e a vida boêmia que praticamente durante quase toda sua vida fora um hábito, começava a parecer monótona e pesada.

O programa dele era de atendimento telefônico, aconselhamento amoroso, poesias e músicas na madrugada e de uns tempos para cá parecia que não se faziam mais pessoas como antigamente, pois o movimento tinha caído e poucas pessoas ligavam de madrugada para lamentar uma dor de cotovelo.

Com uma hora a menos, Candeias ficaria nos bares da vida por uma hora a mais e nem nos bares as figuras eram as mesmas.

Quando ele encontrou Dorotéia no Forró dos Quartos, estava a ponto de ir embora, pois os jornalistas estavam bêbados demais para serem interessantes.

Ele não, ele sabia quando parar e naquela noite Dorotéia fora o anjo redentor, que o tirara a tempo de uma mesa de chatos e bêbados.

Durante o carnaval ele teve de trabalhar aproveitando ainda o prestígio que lhe restava junto a artistas antigos para faturar um pouco mais, pois no fundo sentia que sua carreira de radialista estava com os dias contados.

Era sorte que ainda escrevia a coluna semanal para o jornal de domingo e logo poderia dar entrada na aposentadoria e no mais era tudo que tinha.

E não era pouco, pois a casa onde morava era enorme e bem localizada, herdada de família por ele, que milagrosamente era filho único adorado e mimado pela mãe até a morte dela aos cento e dois anos.

Às vezes Tibério Candeias imaginava que dona Candinha tinha contribuído para atazanar a vida de Germina, de tanto ciúme que tinha dele e por morar com ele e sobreviver oito anos a Germina, que pelo jeito morreu de desgosto porque cansou de querer Tibério só para si sem dividi-lo com a mãe dele e as mil mulheres das quais ouvira falar que corriam todos os dias atrás de seu marido.

Dorotéia tirou Tibério de suas reflexões e o trouxe à realidade da mesa de jantar dizendo:

- Dançamos depois de jantar?

***TIBÉRIO E A DOCE DOROTÉIA***

Ainda teriam três horas antes de Tibério ir para a estação de rádio apresentar seu programa diário e ele se animou, comeu a sobremesa com vontade e disse:

- Não, hoje não dançaremos porque quero que conheça o hotel das estrelas.

- E onde é isso?

- É no terreno do que sobrou do velho moinho, minha deusa, um lugar perfeito para olhar as estrelas e se aconchegar, porque eu ando carente de um chamego seu.

Em parte era verdade, porque ele havia pensado muito nela e por outro lado também era verdade que precisava de chamego de mulher, pois andava em baixa e não gostava de abuso com prostitutas, elas eram um viveiro de doenças, essas tantas que existem hoje em dia.

Dorotéia corou e sorriu e por um segundo pensou num monte de coisas que a inclinavam para um não e outras tantas que a seduziam para dizer um sim e ela optou por aceitar para pelo menos conhecer esse tal de hotel das estrelas.

E o velho moinho estava lá em esqueleto presente, meio corroído pela ação do tempo e o desgaste natural e depenado pelos frequentadores do passado, os sem teto, que tinham invadido o local para morar.

Mas a polícia veio e retirou os invasores, destruindo o que sobrara do teto do moinho para torná-lo inútil como abrigo.

Tibério estacionou a beira mar ao lado de outros carros, que furtivamente paravam por lá ocupados por casais muitas vezes escusos ou que na maioria das vezes não tinham dinheiro para pagar por um local decente para as coisas do amor e do sexo.

Mas era tudo muito discreto e no enorme espaço ninguém se via e ninguém se importava também com os outros. Tudo na paz!

Dorotéia se sentia vivendo uma aventura de moça, algo fora de hora, pois um banco de automóvel não a seduzia de maneira alguma, não naquela idade, seria viável se fosse há quarenta anos, mas não agora.

Tibério abriu as janelas e disse:

- Tem feito lindas noites estreladas e eu me sinto um tolo porque venho aqui sozinho só para ter a impressão de estar mais perto do céu e converso com as estrelas, pergunto a elas o que devo fazer de minha solidão.

Dorotéia sentiu seu coração se aquecer e disse:

- Mas com tanta mulher que te rodeava você nunca teve nenhum chamego mais duradouro?

- Que nada mulher! Elas queriam fama e que eu abrisse portas para elas. Não queriam nada comigo, só naquele momento mesmo e eu aproveitava porque sou cabra macho, mas me enrabichar não!

- E faz oito anos que estás sozinho, homem?

- Sozinho não é bem o termo, mas sem companheira fixa é sim. As mulheres modernas querem beijar a gente e já colocar a língua na boca, isso me assusta e desagrada, gosto das preliminares, coisa bem feita, devagar, com calma, detesto correria, nunca me dei bem com mulher que me ataca e vai logo partindo para o ato.

Essa conversa estava deixando Dorotéia com calor e ela retirou um lindo leque da bolsa e começou a se abanar.

Tibério Candeias ficou encantado com o que aquele calor repentino representava e sem esperar mais um minuto, puxou-a para si e começou a beijá-la como jamais ela havia sido beijada na vida.

Dorotéia se sentiu fraquejar e o calor aumentou quando ela se soltou dele e disse:

- Homem, faz uns dez anos que não me deito com ninguém e não desejaria fazer isso dentro deste automóvel e tem cama em sua casa, tem?

O homem ficou descontrolado com a sinceridade de Dorotéia e imaginou que depois de ela passar tanto tempo sem sexo, que aquela seria uma das melhores noites de sua vida nos últimos tempos e sem piscar ele ligou o carro e saiu.

No caminho ele se lembrou de que por sorte aquele tinha sido o dia de Zuleica e muito mais à vontade ficou ainda mais interessado nos calores de Dorotéia.

O que começou com pequenas e inocentes jogadas e minúsculas mentiras culminou em uma Dorotéia fogosa e sem reservas que consumiu a largas garfadas um Candeias surpreso e bem servido.

- Mas faz dez anos ou dez séculos que tu estas na secura Dorotéia? Homem, menino, cheguei a achar que você não parava mais! Que apetite mulher!

Dorotéia riu alegremente e disse apenas:

- Vou ali e já volto! – apontando o banheiro.

Tibério Candeias acendeu um charuto velho, que estava há meses no cinzeiro da cabeceira e deu boas baforadas na janela para não empestear o quarto.

Dorotéia voltou e quis tomar algo refrescante para se hidratar e Candeias por sorte tinha um bom estoque de cerveja em casa, mas ela recusou e preferiu servir-se de água que levou para ele também.

- Adoro cheiro de charuto! Meu finado fumava de vez em quando e sabe que sinto falta do cheiro?

Era a primeira mulher na vida que lhe dizia isso.

Tibério sentiu que estava gostando mais do que deveria da companhia de Dorotéia a quem jamais tinha conhecido biblicamente falando e lhe surpreendera com seu fôlego de adolescente.

- Você se divertiu muito com o finado, foi Dorotéia?

- Ah, por demais da conta, meu amigo! A gente se dava bem e, no entanto só tivemos dois filhos, veja só!

- E como é que você se virou depois do falecimento dele?

- A tristeza me deixou murcha por muitos anos, meu amigo e depois quando eu percebi a menopausa se instalou e os calores me tiraram do sério.

- E foi só isso?

- E o que mais você precisa saber de mim, que não tenha visto na última hora?

Ela sorriu e ele também e estava terminada aquela conversa abusada.

Tibério teve de levar Dorotéia para casa e se apressar para não perder a hora para chegar ao trabalho.

E finalmente, por se sentir tão à vontade e satisfeito com o desempenho dele e principalmente o dela, ele começou a ponderar seriamente se não era mesmo chegado o momento da aposentadoria e das noites livres para vadiar à vontade.

Dorotéia o viu ainda nas noites seguintes até o domingo quando finalmente ela e Catarina voltaram para casa, mas não sem pesares.

***CURIOSIDADES AMOROSAS***

Glauco e Catarina ficaram ainda mais amigos e descobriram diversas afinidades quando se viram sem a companhia de Dorotéia.

A mulher saiu todas as noites e cada vez mais cedo para encontrar Tibério Candeias na casa dele.

Glauco e Catarina começaram a inventar passeios noturnos e eles foram ao cinema, a um bar antigo e a um novo, foram dançar no forró de sempre ou simplesmente ficaram em casa e Catarina o ensinou a fazer o famoso molho de tomates ao sugo.

Fernanda passou dez dias numa pousada em Canoa Quebrada com Flávia e Lorena e lamentou ter de voltar para casa para organizar sua vida no apartamento sozinha, longe das novas amigas, da mãe e de Mucio Alvarenga, herdeiro do dono de uma rede de pousadas no nordeste.

O rapaz, naturalmente de origem nordestina e ancestrais franceses por parte de mãe era encantador e envolvente.

Formado em Hotelaria e Turismo, ele viajava pelo país e pela América Latina a negócios, divulgando as pousadas da família e promovendo sua empresa de eventos.

Fernanda se interessou pelo rapaz e foi recíproco, mas não tinha jeito, ela precisava reassumir suas funções na repartição pública federal onde trabalhava e ele devia começar as viagens do ano, que tinham sido adiadas devido ao carnaval.

Flávia e Lorena também tinham suspirado e arrancado suspiros do irmão e do primo de Mucio.

Respectivamente Leandro, o irmão de Mucio e Rômulo, o primo.

Os rapazes eram formados e trabalhavam em Fortaleza, na construtora da família, que inclusive havia construído os novos condomínios onde moravam Dorotéia e Catarina, além do shopping center e outros edifícios modernos da cidade.

Glauco decidira passar o domingo no condomínio, pois desconhecia totalmente que Dorotéia viera a Fortaleza pela terceira semana seguida.

Catarina passava o domingo na companhia das outras amigas na piscina do centro comunitário quando Glauco chegou.

- Como é que você sabia que eu estava aqui? – ela perguntou.

- Eu não sabia e me arrisquei. Cadê minha irmã?

- Pela terceira semana consecutiva, ela foi para Fortaleza encontrar Tibério, e vocês não se falaram por telefone?

- Minha irmã se esqueceu de mim depois que começou a namorar, ou seja, lá o que for com o Tibério Candeias.

- Mas ela não faz por mal, Glauco, acho que está apaixonada e ficou meio avoada.

Ele riu e respondeu:

- Mas não importa, porque na verdade vim ver você, porque tenho novidades.

- Novidades para mim? E são boas?

- São ótimas!

Catarina recolheu suas coisas e saiu da piscina para ir terminar de preparar o almoço em casa, pois embora não esperasse por Glauco, sempre imaginava que ele pudesse aparecer de surpresa e era isso que estava acontecendo nesse instante.

Ele trouxe sorvete e flores, que comprou antes de chegar ao condomínio e conduziu Catarina de carro para casa.

Enquanto ela tomava banho ele ficou supervisionando a água do macarrão e o frango que comeriam no almoço, além de montar a salada verde já lavada.

- Você sabia que Lorena está namorando um engenheiro civil, Rômulo, que é primo de Leandro, o namorado de Flávia, que por sua vez é irmão de Mucio, o namorado de Fernanda, certo? – ele perguntou.

- Sim, certo e o que houve?

- Bem, os engenheiros Rômulo e Leandro vão a SP participar de uma concorrência para a construção de um centro comercial e ficar lá por alguns dias aproveitando os feriados da Páscoa e querem levar minhas filhas, pois Mucio, na mesma época estará voltando de sua visita pela América Latina e vai dar uma parada em SP também para ver Fernanda e você sabia disso? – disse Glauco sorrindo.

- Sabia de Mucio passar por lá, porque Fernanda está radiante, mas que as meninas iam para lá passar a Páscoa com ela e os namorados, eu não sabia. Que bom!

- Que ótimo! Porque minhas filhas não conhecem SP e morrem de saudade de Fernanda, elas se tornaram uma irmandade e agora namorando esses rapazes parentes, parece que ficaram ainda mais unidas e sabe o que Flávia me disse ontem no jantar?

- Nem imagino, mas deve ser coisa boa pelo seu sorriso.

- É melhor do que você imagina, porque ela me disse que Fernanda está pensando seriamente em pedir transferência ou prestar um novo concurso para vir trabalhar aqui e voltar a morar com você!

- Mas tão cedo? Ela mal conhece o rapaz!

- Ela não conhece, mas Tibério Candeias conhece bem a Josi, tia dos rapazes, irmã das mães deles, que na verdade são as herdeiras onde os maridos pegaram carona no negócio da construtora, dos hotéis e pousadas.

- E me desculpe, mas qual é a mulher de Fortaleza que Tibério Candeias não conhece?

Os dois riram e Glauco continuou:

- Essa ele conhece porque era meio aparentada com a Germina, a finada mulher dele e ele a encontrou num desses jantares beneficentes que ele costuma animar e nessa ocasião ele mencionou que namorava Dorotéia, e Josi a tia de Leandro e Rômulo disse que eles estão encantados com as meninas, principalmente Mucio, que namora a amiga das irmãs, que são minhas filhas. Então, querida Catarina, o namorado de Fernanda está mesmo caidinho!

- Que bom! Quem sabe assim minha filha se relacione com alguém que valha realmente a pena, tenha estudos e perspectivas de vida além de ser fanático por um time de futebol e um cachorro!

Catarina parecia insatisfeita com as escolhas anteriores da filha e Glauco a distraiu perguntando sobre um vaso para colocar as flores.

Dorotéia preparava o almoço de domingo com a ajuda de Tibério, que fazia de um tudo para agradar a namorada.

- Assim está bom, minha delícia? – ele perguntou.

- É perfeito como tudo que você faz para mim meu passarinho!

Tibério estava cada dia mais apaixonado pelo jeito sedutor e meigo da pequena Dorotéia, que crescia quilômetros como mulher na horizontal.

Ele mudou de faxineira e contratou a esperta Raimunda, a mesma faxineira de Glauco.

Seu trabalho na emissora estava terminando, pois ele mesmo procurou o diretor para comunicar que ia requerer a aposentadoria e pediu o aviso prévio.

O antigo diretor e amigo não deixou que ele pedisse demissão e o favoreceu com justiça e merecimento por todos os mais de trinta anos de trabalho na emissora, todos os dias da semana e nenhuma falta e além do mais, com férias vencidas, que foram pagas regularmente.

Portanto, Tibério Candeias estava a ponto de se aposentar e pretendia vender aquela enorme casa e estabelecer residência num local menor e mais condizente com sua condição de solteiro comprometido.

- Mas antes de decidir o que comprar, eu irei passar um mês pelo menos com você no condomínio para sentir as delicias da vida a dois, quer minha pombinha?

- Mas é tudo que eu quero! É verdade mesmo?

- Óxente e se não é? Mas é claro que é! Cansei de ser solteiro e morar sozinho, preciso de aconchego, de mulher, de cama e de chamego! E por falar nisso e o teu irmão com a tua amiga, a paulista bonitona, vai ou não vai?

- Disso eu não sei por que ela não me conta nada, ele não comenta nada e estou vendida sem saber nem um tiquinho de nada!

- E será que desse mato não sai coelho, minha pombinha?

- Ah, sai sim! Já percebi como ela se esmera para fazer os quitutes que Glauco gosta e ele como se perfuma e se penteia para sair com ela, sempre compenetrado quando dança com ela e tagarela quando dança com as outras e vai me dizer que isso não é chamego?

- Mas é chamego sim e eu que sou homem acho que o teu irmão só está esperando a dica, como tu me deste, aquela de se abanar.

Dorotéia riu e respondeu:

- Sem essa com Catarina, que é discreta que só ela! Acho que Glauco vai ter de agarrar a minha amiga, isso sim!

- E por que é que tu não perguntas o que ela espera dele?

- Já perguntei e ela desconversa, diz que é só amizade só!

- Venha falar isso pra mim que não sei que este é irmão deste! – disse Tibério mostrando os dois olhos para descrever com as mãos o que falava.

***CONVERSA DE CABRA MACHO***

Os jovens foram a SP passar a Páscoa em grupo na companhia de Fernanda que pediu a benção da mãe e ficou por lá mesmo.

Dorotéia convidou o irmão e Catarina para passarem a Páscoa com ela e Tibério, que estava na fase de descanso no condomínio.

O novo casal estava empenhado em unir Glauco e Catarina e para tanto prepararam um delicioso almoço de sexta-feira santa com peixes e frutos do mar.

Glauco veio de Fortaleza e se instalou na casa da irmã um pouco a contragosto porque agora havia Tibério.

O dentista não tinha nada contra o namoro da irmã com o jornalista, só não acreditava ainda que o radialista fosse assumir a monogamia.

Catarina veio cedo à casa da amiga para ajudar no almoço e os dois homens foram dar uma caminhada pelo condomínio.

Tibério em roupas esportivas era o modelo da imagem de um peixe fora d’água, porque ele ia a todo lugar de carro e não estava acostumado a calçar tênis.

- Parece que estou de salto alto com esses calçados, que gastura! – comentou Tibério que estava habituado aos sapatos sociais.

- Deixe disso homem! Logo você se acostuma e vai elegê-los como os melhores que já teve de tão confortáveis que são! – respondeu o dentista, que adorava caminhadas.

- Sabe doutor Glauco, eu sou mesmo um homem cosmopolita e de péssimos hábitos, porque como trabalhei de madrugada quase quarenta anos, não sou acostumado a dormir de noite e nem a andar de dia, pareço um vampiro mal acabado!

Glauco riu com a colocação do amigo e respondeu:

- Cada um com seus talentos, meu cunhado!

- Cunhado é? Que bom ouvir isso, porque Germina só tinha irmãos que grunhiam, todos eram homens do sertão e mal conversavam comigo, matutos como eles só! É bom ter um homem culto por perto.

- Eu imagino como você deve ter penado com a família de sua mulher e com sua mãe.

- Santa mãezinha – e Tibério se persignou – mas ela deu trabalho pra Germina, isso deu! Mas voltando aos meus cunhados, era tudo cabra mal encarado, pouco mais que bicho, mal conversavam e geraram uma penca de filhos, coitados...

- Mas agora você está em outra fase de sua vida, monogâmico, não é?

- Perfeitamente doutor Glauco! Envelheci, murchei e me caiu tudo pra baixo, lei da gravidade, não sabe?

- Ah, sei sim! Acontece com todos nós e como está a vida ao lado de minha única irmã?

Tibério sentiu um arrepio quando ouviu Glauco dizer isso, como se ele o estivesse ameaçando e de pronto respondeu:

- Dorotéia é mulher para casar e passar o resto da vida junto. Não se baseie em meu passado para me ver hoje. Sou outro homem. Um cabra calejado de solidão e abandono.

- Nunca pensei ouvir isso de você, que conheceu horizontalmente todas as locomotivas da cidade! – disse Glauco se referindo às mulheres hoje maduras, que na juventude eram consideradas beldades.

- Mas isso foi lá nos anos setenta e oitenta, não agora, que todas elas se tornaram uns tribufus. Mas não Dorotéia, que se cuidou, levou uma vida regrada, se alimentou bem e hoje continua um pitéu.

- E quanto às mulheres maduras ou não dos anos noventa e dois mil?

- Ah, essas... Nenhuma quer me dar bola, eu sou careca e barrigudo, mal ajeitado para o tipo de homem sarado, de barriga de tanquinho cultuado nos dias de hoje.

- Mas você exagera, porque ainda tem bom físico e nunca foi gordo, e digamos que está calvo.

- É, mas não sou mais aquele garanhão. Os tempos são outros. E olhe homem, se quer me perguntar se eu gosto de sua única irmã de verdade, saiba que sim. Ela é uma mulher direita e eu um homem regenerado e lhe dou a liberdade de me censurar se um dia vir algo que lhe desagrade. Por favor, me dê um crédito de confiança!

- Minha irmã teve uma vida boa com o finado Cícero e eu não gostaria de descobrir tarde demais que ela se apaixonou por um homem sem honra, que não respeita mulher, porque eu sou cabra macho e irmão dela para o que der e vier está entendido?

Tibério se sentiu frontalmente ameaçado e não tirou a razão de Glauco, que só pretendia ver a irmã feliz e num bom relacionamento.

- Não se preocupe que você não vai se arrepender de ter me dado um crédito de confiança e muito menos ela.

- Está combinado assim então. – disse Glauco para concluir a conversa.

Dorotéia e Catarina se revezavam para lavar a louça, porque os quitutes estavam todos terminados.

Os homens chegaram e se sentaram à mesa depois de uma ducha, porque o dia estava fresco, mas eles tinham caminhado.

Tibério parecia compenetrado, mas não menos alegre que de costume e Glauco se comportava como sempre, de maneira simpática e cordial.

***A TURISTA QUE AGORA É LOCAL***

À noite os dois casais saíram do condomínio e foram dar uma volta na cidade e por sorte acharam uma pizzaria aberta e jantaram.

Catarina foi deixada em casa e finalmente pôde relaxar deitando no sofá e assistindo televisão.

Isso a fazia se lembrar de seu apartamento paulistano, com a diferença de que não estava nem em outro apartamento e nem em SP, o que já era uma dádiva.

Uísque se deitou ao lado dela e dormiu profundamente e Catarina fez o mesmo, acordando de manhã e ouvindo o barulho da chuva.

Era sábado de aleluia e havia eventos em muitos clubes da cidade.

Apenas trinta minutos separavam o condomínio de Fortaleza e os quatro combinaram de ir se divertir em algum clube e depois ficar por lá mesmo se ficasse tarde para voltar.

Tibério estava com a casa lotada de caixas de papelão com os itens escolhidos para levar na mudança, porque ele se desfaria de muita coisa antiga, principalmente das que pertenceram a sua mãe e estavam inutilizadas.

Ele pretendia comprar uma casa menor, mobiliá-la com graça e elegância e abandonar o passado para sempre.

Dorotéia fazia parte desse presente e ele a imaginava morando na casinha bonita com ele e levando uma vida feliz de paz e harmonia.

Glauco havia deixado a casa em ordem, Raimunda fez a faxina e tudo estava limpo.

Os casais passearam pela cidade e optaram pelo velho Forró dos Quartos, que naquela noite estava lotado como sempre.

A diversão era garantida e os casais se divertiram muito, só que nessa noite, nenhum dos dois homens dançou com outras mulheres.

Os dois pareciam ter combinado e pediram petiscos e cervejas e ficaram apenas na mesa e dançando com suas respectivas companhias.

Dorotéia cutucou Tibério, que demonstrou por gesto discreto que não estava entendendo e Catarina secretamente adorou a exclusividade de Glauco e além do mais o local estava lotado de turistas.

Dorotéia e Tibério pretextando a casa cheia de caixas de mudança e os móveis praticamente quase todos desmontados ou inexistentes, porque grande parte já havia sido doada, tinham conseguido com que Glauco hospedasse Catarina e aproveitando-se desse arranjo foram mais cedo para casa.

Glauco e Catarina ainda ficaram quase uma hora a mais, e depois também regressaram à casa do dentista.

O caminho foi o mais bonito possível, à beira mar.

O carro de Glauco deslizava lentamente e os dois apreciavam o movimento da cidade que nunca parecia parar.

- Veja que interessante esta linda cidade praiana sempre movimentada e os paulistanos pretendem ser uma filial de Nova York! Quanta pretensão! – disse Catarina.

Glauco estava parado no semáforo e olhou para ela vestida elegantemente naquela noite como uma típica paulistana, usando meias finas e casaquinho leve por cima do vestido de verão.

Era uma noite mais fresca que o habitual, porque havia chovido durante o dia.

Catarina lhe pareceu uma mulher diferente de todas que ele já tinha visto ou estado na vida e de repente ele sentiu uma atração irresistível por aquela mulher sem sotaque nordestino, mas que havia incorporado algumas expressões locais em seu vocabulário.

Ela era culta e bem educada, possuía modos finos e ele sabia que ela havia trabalhado a vida inteira e tinha fino trato em lidar com as pessoas.

De repente o perfume dela, aquele mesmo que ele sentia sempre que dançavam passou a ter uma importância diferente e mexer com ele como homem.

Fazia três anos que ele estava viúvo e só tinha se divertido com mulheres ocasionais, mas nada sério, que não passasse de uma noite ou duas no máximo.

Mulheres turistas na maioria, apenas de passagem, ávidas por aprenderem a dançar forró, companheiras de dança, nada demais.

Catarina era sua hóspede, amiga de sua irmã e não poderia ser considerada como turista, posto que se mudara e era local agora, mas tudo nela transpirava diferença.

Glauco se sentiu incomodado e quando eles chegaram a casa ele disse:

- Quer tomar algo refrescante? Aceita dividir uma cerveja comigo ou prefere vinho?

Catarina estava se sentindo mais próxima a ele desde a conversa que tiveram a sós no consultório dele no final do carnaval e aquela solidão de estrela que ele sentia também os aproximou.

Eles tomaram vinho devido à noite fresca e Glauco quis mostrar a Catarina que gostava de outras músicas além do forró e que principalmente sabia dançar outros ritmos.

Então, os dois se levantaram e foram dançar músicas românticas, de antigos discos transformados em CDs e o ar fresco da noite os embalou e quando se deram conta estavam abraçados se beijando.

Glauco era um homem intensamente carinhoso e devotado à família e a única queixa que tinha de sua finada esposa era que ela não apreciava tanto os prazeres da vida, como danças e festas quanto ele, mas era uma boa mulher e mãe.

Catarina, como todas as descasadas tinha dispensado o marido que era aproveitador e inútil e nunca mais pretendia aceitá-lo de volta, a ele ou a qualquer outro, mas finalmente, após conhecer Glauco e sua dedicação às filhas, decidira tentar namorar novamente.

Então Glauco disse:

- Vamos nos sentar um pouco na varanda porque quero lhe ver de casaquinho, como uma típica paulista.

Catarina sorriu e aceitou a convite recolocando o casaquinho leve de linha combinando com o vestido.

- Sou um homem viúvo há três anos, com duas filhas adultas prestes e prontas a levantar voo, como fez Fernanda. Tive um casamento pacato demais para meus gostos, mas respeitei minha finada mulher.

- Eu sei Glauco, Dorotéia me contou sua estória e sempre elogia a maneira como você se comportou e o amor e a dedicação que tem por Flávia e Lorena. É louvável mesmo.

- Obrigado.

- Isso é natureza, ninguém ensina, mas se pode aprender e você, pelo jeito, nasceu sabendo. É uma dádiva.

- Eu gosto de ser uma pessoa direita, mas sou homem e todo homem tem instinto forte, natureza exigente, mas sempre soube me proteger com as mulheres.

- Eu imagino que sim e eu também. Nunca fui de muito namorar depois do divórcio, porque não tive tempo e não criei oportunidades para isso.

- Você me falou de seu apartamento e de sua janela e eu fiquei encantado com seu comportamento seguro e calmo e seu jeito divertido de ser, seu equilíbrio em aceitar as escolhas de sua filha. Não é fácil.

- Ainda hoje não é, mas tento me controlar e tudo que fiz foi pelo bem dela, porque nunca se sabe quem se coloca dentro de casa.

- Sim, eu entendo e sem querer você poderia ter atraído um pervertido e colocado sua filha em risco.

- Jamais! Nunca mesmo! Por isso me conformei com a minha solidão e jamais também competi com a juventude dela, mesmo me sentindo velha e acabada.

- Ah, mas isso nunca! Você se controla, e se alimenta bem, não exagera e não bebe. Tentou fazer o melhor e conseguiu a perfeição!

Catarina sorriu porque isso era exagero, mas se sentiu prestigiada, elogiada e desejada por aquele homem de boa índole.

- Eu queria tentar me entender com você, sabe? Namorar, passear, sair junto, dançar e me divertir. Viajar, conhecer outros países, desfrutar de minha aposentadoria e diminuir o ritmo de meu consultório.

- Mas você quer se aposentar?

- Já sou aposentado, trabalhei para o estado, fui dentista em postos de saúde, tenho consultório para não parar porque sempre tive. Trabalhava de dia nos postos e à noite no consultório e com isso comprei esta boa casa e eduquei minhas filhas nas melhores escolas, além de nunca deixar faltar nada em casa.

- Eu não sabia, mas acho louvável trabalhar em jornada dupla.

- Nunca foi sacrifício, eu gosto de minha profissão e sempre fui caprichoso e estudioso.

- Eu sei disso e percebi sua mão leve para lidar com os pacientes. Você é ótimo! Fernanda também te elogiou.

Os dois sorriram e Glauco beijou Catarina mais uma vez e a pegou pela mão conduzindo-a a seu quarto.

Foi uma noite de intensos carinhos e entrega calma e prazerosa.

Ele sabia como conduzir uma mulher e ela como se portar e se entregar com paixão.

Os dois se encaixaram como imaginavam e dormiram satisfeitos e surpresos com o desempenho um do outro.

***SONHANDO DE OLHOS ABERTOS***

A Páscoa dos jovens em SP tinha sido ótima e Fernanda como excelente anfitriã tinha preparado algumas de suas famosas sopas encantando a todos, que como nordestinos estavam morrendo de frio.

Mucio estava encantado com o desembaraço da moça, que era descontraída e eficiente.

Muitos anos ajudando a mãe nas tarefas de casa haviam desenvolvido nela praticidade e eficiência.

As filhas de Glauco, Lorena e Flávia também não ficavam nada atrás da eficiência de Fernanda e elas eram tão despachadas quanto a anfitriã.

Leandro, Rômulo e Mucio prepararam diversos passeios para se distraírem com as moças e faziam questão de levá-las aos melhores lugares da cidade e tanta variedade os confundia.

Mas lá estava Fernanda para desempatar e escolher a melhor balada.

Tudo parecia bom e divertido e os rapazes eram educados e alegres, eles tinham um ar diferente dos paulistas, algo bem claro para Fernanda e evidente para as irmãs.

Glauco e Catarina se divertiam preparando o almoço de Páscoa para Dorotéia e Tibério, que estavam com a casa de cabeça para baixo por conta da mudança.

Os dias transcorreram e todos voltaram para casa.

Catarina pensava nos últimos acontecimentos recentes de seu envolvimento com Glauco e de repente teve a grata surpresa de receber Dorotéia.

- Mas que coisa boa amiga! Achei que você estava com Tibério em Fortaleza!

- Não, querida, hoje é dia de ele assinar a venda da casa e se reunir com os filhos para dividir a herança.

- Mas que linda atitude! E será com os cinco ou com os três?

- Com os três dele, porque os outros já são muito agradecidos por ele os ter educado e não foram adotados e tudo foi resolvido na paz.

- Tanto melhor e com os dele a coisa é pacífica?

- Ah sim, muito pacífica, porque a casa é de herança dele dos pais e foi por isso que a mãe dele, a dona Candinha morou lá até morrer e atormentou a nora e os netos, principalmente os dois que não eram dele e você acredita que ela os perseguia até com comida?

- É mesmo? Como assim Dorotéia?

- Ela não precisava ajudar em casa, porque era idosa já quando ele se casou, mas dava palpite em tudo e ficava à mesa até que o último saísse e jogava indiretas, mesmo que os dois mais velhos já trabalhassem, ela era uma mulher muito mesquinha!

- Mas que horror!

- Pois é Catarina e você acredita que ela morreu sem poder comer quase nada?

- Piamente minha cara Dorotéia, é a justiça divina!

- Bem, vim te perguntar sobre meu irmão, pois finalmente ele tomou coragem de te pedir em namoro?

Catarina sorriu e abraçou Dorotéia dizendo:

- Pois é cunhada! Ele falou comigo sim e foi muito carinhoso e sincero.

- Meu irmão sempre foi transparente e gosta da verdade, ele está mesmo apaixonado por você e faz tempo, só não tinha coragem de se aproximar, foi isso.

- Ele me explicou e eu acreditei porque sinto tudo isso nele.

- Quem sabe agora ele comece realmente a desfrutar da aposentadoria dele e solte um pouco o cordão umbilical que o liga às filhas, não é?

- E por que ele faria isso? Elas já são mulheres, Teia!

- Pois e eu não sei? Ele faz assim de superproteger as meninas porque a mãe vivia impedindo as duas de sair e só pensava na igreja, era uma carola de primeira! Uma chateação só! Porque tudo para ela era pecado.

- Não me diga? Isso ele não me disse.

- Porque ficou com vergonha de você, porque a acha mais evoluída que isso e se sentiu intimidado por lhe contar que nos últimos anos ele mal podia também se aproximar dela, porque ela vivia direto convivendo com grupos de carolas da igreja e não saia de lá.

- Mas que cabeça oca!

- Põe oca nisso! Uma sem noção e tudo isso por causa da educação ferrada que ela recebeu e nos últimos anos por conta da esclerose ela ficou pior.

- Então ela estava perturbada e isso seria simples de entender. Coitado do Glauco!

- Mas você o fará feliz porque ele jamais se deixou influenciar e só se casou na igreja e batizou as meninas porque ela insistiu. Ele nunca concordou com isso, embora seja um homem de fé cristã.

Dorotéia contou ainda que Tibério queria fazer as contas direitinho e comprar uma casinha, nem que fosse para investir, pois talvez os dois morassem juntos no condomínio.

- Ele gosta daqui, é cômodo, tem piscina, quadras, todas as facilidades e está a meia hora da cidade. Aqui ele poderá continuar escrevendo para as revistas e jornais e se inspirando, mas já me garantiu que vai pagar todas as despesas.

- Bem, isso é o mínimo que se pode esperar de um cavalheiro, não é?

- Sim Catarina, e meu irmão o enquadrou direitinho na sexta-feira da paixão, mostrou que ele estará sempre me protegendo e que Tibério não se meta a besta!

- Foi? Que coragem!

- É porque eu tive uma vida regrada com o finado Cícero e Glauco não admitiria que Tibério continuasse com a fama de mulherengo que sempre o precedeu.

- E o Tibério?

- Tremeu nas bases e jurou que já não era mais o mesmo, mas eu já percebi que ele é folgado.

- Como assim Dorotéia?

- É bagunceiro e joga tudo por onde passa, vai tirando a roupa e largando pela casa e já começou a melhorar, não quero bagunça na minha casinha tão bonitinha!

- Nem deve! Dê uma dura nele!

- Já dei de leve e ele prometeu se policiar para ser organizado.

Catarina riu e tirou uma deliciosa travessa de frango com batatas do forno e juntou à salada que Dorotéia trouxe e ao arroz de forno e as duas almoçaram fazendo planos.

Se fosse ou não verdade que Fernanda estaria disposta a morar novamente com a mãe, esse tempo de conversar com a filha chegaria.

***ASSUMINDO A FELICIDADE***

À noite Glauco chegou com algumas delicias do mercado, verduras e legumes frescos e muitas frutas.

- Tudo para nós ou dividiremos com Teia?

- Não, querida, para você, ou nós, se preferir, Tibério esteve comigo no mercado no final da tarde e fez as compras para eles.

- É mesmo? Que aplicado!

- Mas isso não é tudo! Ele esteve no consultório para fazer um orçamento e vai se tratar comigo e prometeu me trazer muitos clientes, aliás, conhecidos ele tem aos montes!

- Bom, ele parece disposto a levar uma nova vida depois da aposentadoria e você percebeu algo diferente a mais?

- Perceber não, mas ele me confessou que ultimamente o programa dele estava com pouca audiência e tinham cortado meia hora e depois mais meia e o avisaram que iriam cortar os telefonemas ao vivo e deixar só as músicas românticas e ele pouco falaria, leria alguns poemas, contaria casos de amor, essas coisas que ele faz.

- Coitado e por quê?

- Porque hoje em dia ninguém mais se liga nesses programas, o pessoal resolve as diferenças na cama mesmo. Você já viu geração mais apressada que essa de nossos filhos?

- Nunca vi e parecem que vieram todos do mesmo lugar, que tivesse a ver com sexo, que horror!

- Pois é! Então, para um ou dois telefonemas por noite, isso quando aconteciam, os patrocinadores começaram a desistir e o pobre Tibério acabou pedindo a aposentadoria e as contas, mas o diretor não deixou, em consideração a tantos anos de dedicação e o despediu, assim ele é mais bem indenizado.

- Tanto melhor para ele! É mais dinheiro no bolso! E só isso vai bastar para ele se sustentar?

- A venda da casa foi excelente e ele ficou com 50% e dividiu os outros 50% em três, porque os filhos são moços e têm muita energia para trabalhar, são casados e as esposas também trabalham, e logo se ajeitam e tudo se resolveu.

- Então ele lhe elegeu como confidente! Que sucesso!

Glauco sorriu e imaginou que valeu a pena ter dado uma prensa no radialista antes que a coisa ficasse confusa demais, porque a atitude dele em querer seduzir Dorotéia podia cheirar mal, como se ele tivesse feito isso para ter em quem se encostar.

- E qual foi a justificativa dele?

- Foi um processo gradativo, mas só começou a incomodá-lo recentemente, depois que ele já estava envolvido com minha irmã e eu o levarei ao banco amanhã para ele se aconselhar e fazer uns investimentos com meu gerente e ele vai esperar a indenização da estação de rádio e a retirada de todos os benefícios a que tem direito para procurar uma casa nova.

- E ele tem aposentadoria privada também?

- Ah sim! Ele sempre pagou, desde mocinho, por insistência da mãe que nunca acreditou nessa estória de ser escritor e falar no rádio, ela insistiu e ele concordou, então, ele tem uma boa grana amealhada nisso e parece que foi a única coisa boa que a mãe deixou para ele, além da casa, é claro.

Tibério parecia ter um bom caminho financeiro a administrar após a aposentadoria e como não precisava mais ir à estação de rádio, apenas aguardava a liberação de seus pagamentos.

Dorotéia comemorava com ele e jantavam juntos.

- Hoje fiz várias coisas e ando percebendo minha flor, que quando a gente trabalha não tem tempo para nada! Fui ao dentista, ao cartório, ao banco e amanhã voltarei com teu irmão para me aconselhar com o gerente, pois minha indenização vai sair na semana que vem e minha aposentadoria privada no próximo mês.

- Que ótimo! E quanto às revistas e jornais para os quais você escreve?

- Isso é o de menos, pois tenho contrato de dois anos e ainda nem acabou o primeiro, continuo com isso por Internet e posso trabalhar de qualquer lugar!

- Que ótimo! E já pensou onde vai comprar sua casinha?

- Ainda não, e talvez seja até aqui mesmo, dai, dependendo do que escolhermos, nós podemos nos mudar e alugar esta para você fazer um pé de meia, que tal?

- Verdade? Não acredito!

Esses pensamentos eram sinceros e Tibério queria realmente agradar Dorotéia, que se transformara na esposa que ele sempre havia desejado para si.

Está certo que Germina fora excelente mãe e mulher e que se não fosse pela aporrinhação de dona Candinha e o temperamento mulherengo de Tibério, as coisas poderiam ter tido um desfecho diferente, mas era isso que tinha lhe acontecido e agora, mais velho e maduro, ele poderia viver melhor e com mais fartura.

Depois do jantar Dorotéia colocou roupas na máquina de lavar e Tibério ouviu, então, foi buscar o que tinha usado e sorrindo entregou para ela, como se dissesse: “Estou aprendendo” e ela riu.

Glauco tinha vindo de surpresa, porque sentiu vontade de dormir com a namorada, já que no dia seguinte ele só atenderia à tarde.

***DE CONVERSA EM CONVERSA***

Tibério comprou uma linda casa no condomínio e das maiores.

A indenização foi além do que ele imaginara e a aposentadoria privada começou a lhe depositar mensalmente um bom complemento à aposentadoria regular.

Ele já se acostumara a dormir à noite e acordar de manhã e fazia tudo com bom humor, inclusive tomar sol na piscina, que agora ficava ao lado da casa nova, bem perto do centro comunitário.

Os passeios diários pelo condomínio eram habituais e o uso de tênis também.

Fazia pouco mais de um ano que Tibério havia se mudado e Dorotéia havia alugado sua casinha e já podia pensar em investir também e o mesmo gerente foi seu mentor.

Glauco e Catarina se ajeitaram metade em Fortaleza e outra metade no condomínio, pois o dentista passou a atender apenas de segunda a quarta e na quinta ia para o condomínio e lá ficava tão descontraído quanto o cunhado.

Tibério escrevia todas as tardes e antes do almoço. Suas crônicas passaram a ter outros temas e se tornavam cada vez mais interessantes, pois contava de sua transformação, de seu amor, de seus dias de aposentado reaprendendo a viver.

Seu público se ampliara e passara a ser agora em grande maioria composto por outros aposentados, seus clientes de outrora, aqueles que haviam chorado suas desilusões amorosas no ar, com ele, há muitos anos.

Um pedido de uma editora para que escrevesse um livro não tardou e foi seu público quem deu a ideia à editora, que se interessou pelos comentários dos leitores e decidiu publicar um livro com crônicas antigas e novas, pois os leitores alegavam que recortavam os jornais para guardar as palavras sábias e certeiras do jornalista.

Tibério exultou porque seria o primeiro livro que escreveria na vida porque quando tinha vinte anos foi taxado de sonhador e inconsequente pela mãe porque queria ser escritor.

Era a glória! Mas dona Candinha não estava mais presente para aplaudir a vitória do filho e isso era mais do que bem-vindo para Dorotéia.

- Ainda bem! Já pensou se essa maluca caduca inventasse de vir me perseguir nos meus sessenta anos? Ninguém merece! – confidenciou Dorotéia.

Catarina riu e respondeu:

- Já é de bom tamanho uma dedicatória póstuma em certos casos, porque tem gente que só deixa os parentes em paz depois que parte desta para melhor!

Dorotéia se persignou e disse:

- Que Tibério não nos ouça, mas ele sabe muito bem quem era a santa mãezinha dele! Ah, isso sabe!

E Tibério se sentava na frente do computador com o charuto aceso e escrevia suas crônicas cada vez com mais perfeição.

As cartas choviam e muitas pediam temas específicos e tudo dava ideias a Tibério, que agora pesquisava a mãe dos outros.

- Tenho de dar o exemplo e contar para meu público que penei na mão de mainha, Teia!

- Isso será bom para que muitas mulheres fiquem de olho na sogra, no apego exagerado que algumas mulheres têm pelos filhos e arruínam a vida de casado dos pobres seres. Eu me afastei, embora nunca tivesse sido tão feroz como sogra!

- Por mais que eu gostasse de minha mãe nunca fui capaz de enfrentá-la e pedir que parasse, porque ela queria me dominar e me atormentava com as maluquices dela e até hoje fico me perguntando se não foi ela que acelerou a morte de Germina. É um peso que tenho no coração.

Tibério estava sinceramente abatido pelo texto que teria de tirar do fundo de suas entranhas para compartilhar o mal que sua mãe tinha causado em sua vida e não havia meios de amenizar isso sem se expor.

- Meu público quer a verdade, eles se queixam por serem incomodados pelas sogras, homens ou mulheres e eles esperam de mim algo que lhes traga luz e como irei iluminá-los se passei minha vida na escuridão nesse quesito?

Dorotéia ficou aflita com os conflitos que Tibério enfrentava e realmente, pelo que soube a mãe dele tinha sido mais que tirana e provavelmente tenha realmente infernizado a pobre Germina, que morreu de desgosto.

Calmamente ela se sentou diante dele e disse:

- Tenho dois filhos homens e sempre os criei com muitos cuidados e zelo e quando eles começaram a namorar, eu queria o melhor para eles, mas as pessoas com as quais eles se envolviam estavam longe de serem ideais para mim.

Tibério continuou mudo apenas aguardando as ideias que porventura Dorotéia poderia lhe dar na esperança de amenizar a imagem de quase bruxa que teria de passar de dona Candinha, que de Cândida só tinha o nome.

- Pois bem, eles se formaram na faculdade e assim que terminaram de se ajeitar como cidadãos graduados e empregados se casaram. Eu torci o nariz para as duas e mal quis conviver com elas e percebi que eles me evitavam também para não ouvir críticas. Mas eu tive de vender a enorme casa que meu Cícero havia comprado para nós, porque era grande demais para mim sozinha e decidi fazer como você, eu dei cinquenta por cento para eles e fiquei com a outra metade.

- E comprou a casa do condomínio?

- Isso! Bem longe deles, para demonstrar que desejava ajudá-los para que vivessem bem, mas não queria incomodá-los.

- E hoje eles te visitam, trazem as mulheres e os filhos e depois vão embora no mesmo dia.

- É o mínimo que podem fazer por mim, Tibério, porque não demonstrei grande interesse por nenhuma de minhas noras, mas também nunca mexi com elas, porque não queria perder meus filhos de vez.

- Pois se minha mãe tivesse feito isso comigo eu teria adorado e poupado muitos contratempos na minha vida, mas ela insistiu em querer morar conosco porque eu era filho único e perdi meu pai cedo, eu me casei com quase trinta anos e ela fez parte do enxoval digamos.

- Porque você não teve como se livrar dela porque naquela época você ganhava pouco e achou que poderia unir o útil ao necessário, porque de agradável não teve nada.

- Nada mesmo! E eu acho que você me deu uma excelente ideia e vou desenvolver meu texto baseado nisso, na necessidade e insistir para que meus leitores nunca abandonem seus pais, mas que dêem condições a eles para morarem sozinhos de alguma maneira, porque junto é querer encrenca na maioria das vezes.

Dorotéia o deixou sozinho no escritório da casa nova que dava de frente para o mar. Tibério acendeu o charuto ainda que fosse de manhã e deu duas baforadas como fazia sempre, para depois pousar o charuto no cinzeiro o resto do dia.

E escreveu concentrado e satisfeito com o que ouvira da amada.

***NOVAS RESOLUÇÕES***

Fernanda estava dividida entre a carreira que pretendia fazer na repartição e o amor que sentia por Mucio, que não poderia abandonar os negócios da família dele em Fortaleza.

Ela sobrevivera ao primeiro ano longe da mãe numa atitude teimosa e persistente, que embora a princípio tivesse parecido muito radical, principalmente para Catarina, agora lhe parecia extremamente adequada.

É fácil entender que Fernanda era filha única e havia herdado o apartamento que ela e a mãe moravam por uma luta travada com o pai pela própria mãe, nos interesses da filha, para proteger o imóvel das falcatruas do pai inconsequente.

E Fernanda sabia que devia muito à mãe, senão tudo.

Foi a mãe que trabalhou de sol a sol para mantê-las de pé quando as adversidades caíram sobre elas.

Muitos se afastaram e alguns se aproximaram e Catarina se trancou em casa para não gastar, fez das tripas coração e levou adiante suas intenções de formar a filha e fortalecê-la para que aprendesse a sobreviver sozinha como ela dizia quando as duas se desentendiam.

Era excesso de zelo da mãe e vontade de experimentar a vida por parte da filha.

Catarina não suportou mais essa situação e se mudou para o lugar que sempre havia desejado para o nordeste e sua querida e inesquecível Fortaleza, no Ceará.

A casa do condomínio era alugada e as despesas ficavam léguas aquém daquelas que ela enfrentava em SP morando num apartamento pequeno e mal distribuído.

O tempo ajeitou as coisas para mãe e filha, embora Fernanda tivesse ficado no apartamento e sentisse sempre a falta da mãe, a moça sabia que essa experiência lhe era necessária.

O namorado inadequado foi se tornando cada vez mais descartável, até que saiu de cena e justamente por causa de Mucio, que Fernanda conheceu quando passou o carnaval em Fortaleza.

Tudo nele era diferente e os dois se admiravam e se gostavam exatamente devido às diferenças.

Catarina experimentava sentimentos semelhantes com relação a Glauco, que se encantara por ela justamente porque ela era diferente dele.

Essa mistura equilibrada e bem balanceada de sentimentos havia gerado algo grandioso tanto por parte da mãe quanto da filha e nenhuma das duas queria abrir mão do que havia conquistado.

Catarina readquirira o brilho da paixão, agora madura, vivenciada depois de um longo tempo de convalescença psicológica necessária.

Ela encontrara em Glauco uma espécie de segurança calma e compreensiva, um jeito de amar diferente.

Ele a agradava e viviam praticamente juntos, pois as filhas dele estavam tentadas a sair de casa com seus respectivos namorados, cada uma imaginando e desejando o melhor para si.

Lorena e o engenheiro Rômulo viviam mais na ampla cobertura dele que na casa dela.

Flávia e o arquiteto Leandro viviam na linda casa de vidro dele, moderna e arrojada, construída num novo condomínio de luxo.

Glauco finalmente estava sozinho em casa, mas agora tinha Catarina, que aos poucos fora se habituando novamente a conviver com alguém sem sobressaltos.

A princípio tudo a preocupava e ela voltava a ter insônia, mas depois, Glauco vinha sozinho a casa dela no condomínio sem avisar e isso foi se transformando num hábito como a demonstrar para Catarina que ele desejava ficar ao lado dela.

Aos poucos eles combinaram que seria interessante se ela passasse os primeiros dias da semana com ele em Fortaleza, porque as moças estavam começando a passar cada vez mais tempo com os namorados e isso também virou hábito.

Catarina deixava Uísque com Dorotéia, porque Tibério amava cães e se afeiçoara ao bichão, como o chamava e adorava caminhar com o cão pela praia ao cair da tarde para se inspirar e esticar as pernas, como costumava dizer.

A vida parecia tomar contornos mais definidos quando um dia Glauco disse:

- Vou vender esta casa e dividir com minhas filhas, porque pretendo me aposentar definitivamente e já consegui passar o ponto do consultório adiante.

- Com os equipamentos também?

- Mais ou menos, embora eu tenha muita coisa moderna, tenho outras bem antigas e não sei se a nova dentista vai querer.

- Nova dentista? E quem é ela?

- Quer dar um largo sorriso, minha bela? É a filha mais nova de Tibério, Elite, que recebeu sua parte da herança e como mora com o namorado resolveu investir na clínica, porque os dois são dentistas e juntarão os equipamentos para aproveitar o ponto, que tem salas ótimas.

- Que notícia simpática! Eu a conheci na casa do condomínio e ela me pareceu uma moça muito ajuizada e mora com esse rapaz há três anos, e nunca deram trabalho a Tibério.

- Pois é ela desejava investir na carreira parte da herança para incrementar o restante e o rapaz é também muito bem intencionado.

- E as salas são suas?

- Eram de meu avô, que tinha um negócio de contabilidade naquele lugar e ficou na herança até chegar a mim, quando me formei e ganhei tudo de papel passado e já equipado com o mínimo, que eu fui modernizando e incrementando.

- E você fez um bom negócio?

- Vendi pelo preço justo, bem avaliado por um corretor especializado nessas coisas, um cara conhecido, e Tibério aprovou tudo.

Catarina se sentiu nas nuvens, pois Glauco precisava realmente descansar e começar a desfrutar de sua aposentadoria como merecia. Ele havia trabalhado em jornada dupla por mais de trinta anos para dar uma vida digna à mulher e às filhas e agora merecia sossegar.

- Minhas filhas aprovaram minha escolha e me apoiam. Disseram que vão investir o dinheiro delas por enquanto e engordar suas poupanças.

- E você pretende comprar uma casa aonde?

- Você ainda não adivinhou?

E Glauco sorriu feliz e Catarina arriscou:

- No condomínio?

- E onde mais eu teria tantas mordomias por um preço tão módico e ainda por cima sua companhia e a de minha irmã?

- E a minha casinha?

- Não é alugada? Pois então, vejamos o contrato e comecemos a procurar uma casa nova, porque me parece que construíram umas bem bonitas perto da casa de Dorotéia, naquele espaço perto do centro comunitário, onde construíram casas maiores, mas não tão grandes quanto esta, e que tal?

Catarina nem acreditou porque seu contrato estava mesmo para vencer, ela já estava mesmo chegando à época da renovação e disse:

- Nem preciso olhar, pois sei que o contrato vai vencer o terceiro ano em três meses.

- Então, temos esses três meses para procurar, comprar, mobiliar, ajeitar e nos mudar!

***VIZINHOS SE PODE ESCOLHER SIM!***

Dorotéia nem acreditou quando soube da novidade e a primeira coisa que Tibério disse foi:

- Por mim não tinha muro entre nossas casas porque somos parentes!

Catarina riu e disse:

- Vou dividir com vocês o que sempre disse e pensei, ou seja, que parente, vizinho e colega de trabalho a gente não escolhe, mas desta vez fizemos questão de escolher vocês dois!

- Óxente e eu sempre imaginei que era horrível morar em prédio e ter de dividir o cheiro das refeições dos outros e nunca me interessei por apartamento, mas meus filhos preferem, porque dizem que é mais seguro e moderno! – disse Tibério.

- Pois eu gosto é de casa mesmo, com espaço para cães, e nosso Uísque agora será compartilhado, porque vou abrir um espaço no muro. – disse Glauco satisfeito com a compra da casa que era linda e espaçosa.

Catarina andou pelo imóvel vazio e em fase de acabamento e adorou o que viu, embora tivessem de colocar pisos e armários em tudo.

- Não faz mal, porque vai ficar do nosso gosto! – disse Glauco disposto a concordar com as sugestões de Catarina, que se aconselhou com Dorotéia para contratar os melhores profissionais que haviam feito ótimos trabalhos na casa de Tibério.

Dorotéia e Tibério iam junto apreciando tudo e imaginando como ficaria lindo o quarto do casal, que ganharia vida nova com um pequeno quarto anexado como closet.

- Fizemos assim também e é fácil, porque pela planta aqui não tem colunas e o espaço fica lindo! Minha Dorotéia encheu os armários e eu ganhei uma tripinha para colocar minhas coisas. – disse Tibério brincando.

- Mentira sua! Você é que trouxe pouca roupa porque estava cansado de seus ternos antigos e resolveu inovar com roupas esportivas e não foi uma tripinha, foram três grandes espaços! – respondeu Dorotéia no mesmo tom de brincadeira.

- Eu tenho uniforme de dentista, que vou deixar para pano de chão e um terno apenas, o resto é tudo de roupa esportiva, que também não é grande coisa, mas minha mulher é paulista e é cheia das blusas de lã! – disse Glauco mexendo com Catarina.

- Mentira! E minhas blusas são de linha! As de lã eu doei para a caridade, não preciso mais, sou nordestina agora. Óxente!

Todos riram de Catarina que encerrou a visita medindo tudo com a ajuda dos amigos e depois decretou:

- Vamos fazer um mix de decoração e suas filhas querem algo da casa antiga?

- Nada que eu saiba, só a roupa delas que já retiraram de lá, o resto deixaram para nós decidirmos e quero comunicar que desejo uma cama king size enorme para este quarto lindo! – anunciou Glauco.

- Óxente! Mas quantos vão dormir numa cama desse tamanho? – perguntou Tibério.

- Não dê palpite homem! A nossa é Queen size e bem que tu gostas de espaço! – explicou Dorotéia rindo.

- É porque sou velho e alquebrado e preciso me recompor no meu canto, é isso! – disse Tibério rindo.

- E eu sou o quê? Um jovem atlético? Adoro espaço, mas vou dormir no meio com Catarina bem agarradinho! – disse Glauco para brincar com os amigos.

Catarina corou e apenas sorriu encabulada.

- Óxente! Se nessa idade, a paulista ainda encabula, não sei não! – disse Tibério. – Pensei que em SP essas coisas fossem mais naturais.

- Você está com a corda toda hoje Tibério! E por falar nisso, já visitou o novo consultório da Elite? – perguntou Glauco.

- Ficou um pitéu! Ela e o noivo deixaram tudo lindo e aproveitaram tudo, pintaram as paredes e trocaram os lustres, mas o equipamento original está lá! – disse Tibério.

O tempo passava e a casa nova foi concluída do jeito que o casal havia imaginado.

O contrato de Catarina foi suspenso no dia exato com o conhecimento prévio do locador, que já tinha novo inquilino, o próprio filho dele recém-casado.

- Todo mundo sai ganhando e nós vamos nos instalar numa linda casa decorada com nossos móveis conjuntos reformados e alguns novos, principalmente nossa cama enorme e maravilhosa! – disse Glauco, que nem piscou para comprar a cama, o colchão e as roupas de cama maiores que o normal.

- Faz parte! Eu preciso desfrutar de tudo que amealhei porque senão o que seria de mim se não me decidisse a proporcionar isso para você Catarina?

- Nunca fui rica, Glauco e teria me mudado trazendo minha cama normal sem traumas.

- Mas eu não traria a minha, porque quis me desfazer dela, a sua colocamos num quarto e fica bem se um casal vier dormir aqui e no outro colocamos as camas de solteiro das meninas e ficou ótimo!

- Adorei o que fizemos e agora estamos prontos para nos acomodar e fazer valer aquela linda cozinha americana que montamos para nós! – disse Catarina.

- E que tal fazermos uma deliciosa massa à bolonhesa para o almoço? – propôs Glauco.

- Eu topo, desde que você faça o molho e eu prepare a carne e a salada, que tal? – respondeu Catarina.

Glauco se sentia nas nuvens por poder conviver assim pacificamente em harmonia com Catarina, que fazia de um tudo para agradá-lo e nem tinha de se esforçar para combinar com ele.

Os anos passados na correria entre o serviço público de atendimento em postos de saúde e à noite na clínica tinham valido a pena financeiramente, e rendido muitas dores nas costas ao pobre dentista, que agora fazia aulas regulares de Ioga, Pilates e Alongamento com um novo professor contratado pelo condomínio.

À tarde repousando na rede da varanda Glauco pensava no tempo em que trabalhava dia e noite e na trégua na hora de dormir.

A finada quis distância das investidas dele alegando calores e indisposições da menopausa, mesmo com todos os tratamentos disponíveis e ele a respeitou para não causar mais comoção.

As filhas eram moças e ele era homem, como sempre foi, só a finada queria não ser mais mulher, apenas um ser maternal e prestativo dentro de casa.

Glauco começou nessa época a dedicar cada vez mais tempo aos bailes no Forró dos Quartos e quando se deu conta, saia do consultório e só ia para casa perto de meia noite para poder dormir e levantar no dia seguinte.

Alguns relacionamentos discretos principalmente com turistas, pois as locais lhe pareciam todas iguais à esposa e não o atraiam.

Era fácil, rápido e simples se envolver com as turistas de passagem, mulheres maduras que vinham em bandos em excursões.

Nenhuma delas queria envolvimento, porque muitas ainda eram casadas e se contentavam pelo prazer da aventura e outras tantas viúvas ou separadas, só queriam um pouco de diversão com os nordestinos que tinham fama de serem fogosos.

Esse foi o caminho que levou Glauco a se apaixonar por Catarina, porque ela era diferente, se tornou local e conquistou sozinha seu espaço no coração solitário do dentista.

Fez por merecer, como ele gostava de pensar e quanto mais se envolvia com os hábitos diferentes de Catarina, mais se sentia atraído por ela e imaginava que ele poderia ter nascido em qualquer lugar do país, menos no nordeste.

Ninguém desconfiava dessa preferência e nem poderia ser diferente, uma vez que Glauco sempre manteve absoluto segredo de suas aventuras com turistas.

Nenhuma havia voltado para procurá-lo, porque ele era esperto e dormia com elas no hotel onde elas se hospedavam e nunca dava telefone e endereço a nenhuma delas alegando ser casado, assim evitaria aborrecimentos.

***SE ESSA RUA FOSSE MINHA***

Tibério acordava animado e foi um custo mudar os hábitos de dormir depois de tantos anos desregulados.

Primeiro aproveitava o cansaço do amor com a habilidosa Teia para relaxar e pegar no sono, e isso era sempre infalível.

Depois, quando realmente parou de trabalhar, se sentiu tão livre e comprometido com a compra da casa nova e a mudança, que se envolvia tanto com tudo que acabava chegando a casa, tomando uma ducha e se sentando diante da tevê para ver o jornal e cochilando antes do jantar.

Dorotéia era incansável em sua empreitada para ajeitar o sono do companheiro e então servia o jantar e se sentava ao lado dele para conversar, ler ou simplesmente ver tevê enquanto Tibério escrevia seus textos no computador até ficar cansado e querer se deitar.

E assim, aos poucos ele foi regulando novamente seu relógio biológico e se permitia vários cochilos durante o dia, apenas pelo prazer de relaxar.

Glauco teve também que aprender a desacelerar e Catarina foi sua maior aliada, pois ela estava sempre com ele quando requisitada, mas nunca ficava grudada nele.

Deixava-o à vontade cultivando temperos na hortinha atrás da porta da cozinha, ele adorava caminhar pelo condomínio com Uísque e Tibério, ou lia e jogava dominó, xadrez ou qualquer outro jogo com o cunhado, na casa de um ou do outro.

Dorotéia também pensava como Catarina e deixava Tibério à vontade, mesmo para ir à cidade quando ele cismava.

Tibério ia visitar a filha dentista ou os filhos advogados no fórum. Passava pelo mercado comprava alimentos frescos e flores e sempre voltava para casa com algum doce para ela.

Ele aproveitava esses passeios para assinar recibos na editora e conversar às vezes com um ou outro conhecido que encontrava nas ruas ou ainda dar autógrafos, pois seu livro estava fazendo o maior sucesso.

Os elogios pipocavam por toda parte e muitos o cumprimentavam pela coragem de escrever sobre a mãe possessiva e a influencia dela na vida dele durante tantos anos e ele apenas dizia:

- Não deixem acontecer isso com vocês! Abram os olhos! Cuidem de seus pais e nunca os abandonem!

Glauco tinha um acordo com a doutora Elite Candeias, a dentista, filha de Tibério, que era usar o consultório dela quando precisasse cuidar de algum parente.

- Mas é claro, doutor Glauco! Será um prazer proporcionar esse agrado ao senhor, já que foi tão generoso e nos deixou seu material de trabalho. – disse a moça.

- Mas seria uma indelicadeza se eu não fizesse isso, pois o que faria com os materiais ainda na validade? Seria um desperdício botar tudo fora, não é? – explicou Glauco.

Naquela noite, Glauco usaria o consultório para checar os dentes de Catarina e de suas filhas e eles jantariam juntos, para confraternizar um pouco com os namorados das moças.

Catarina tinha duas restaurações e Glauco resolveu o assunto de uma só vez e as filhas precisariam voltar em outros dias para um tratamento rápido.

- Os jovens sempre têm menos cáries! – disse Catarina.

- É assim mesmo minha querida, e eu vou me tratar com a doutora Elite, que tem uma mão maravilhosa e um jeitinho todo especial de manobrar o motor no dente, que eu já percebi e é coisa de mão de mulher que é menor.

O jantar com os quatro jovens foi divertido como sempre e muitas vezes eles vinham visitar o casal no condomínio e Fernanda era assunto de parte das conversas.

Mucio vivia constantemente viajando e não raro passava em SP para ficar com Fernanda nos fins de semana.

E às vezes o rapaz vinha visitar Catarina e Glauco e lhes trazia encomendas de Fernanda, presentes que a moça mandava para a mãe.

Catarina retribuía e o rapaz jantava com eles, era inteligente, interessante e de fácil conversa.

- Esse cabra vai longe com essa lábia comercial! – dizia Tibério, que torcia por Fernanda e Mucio, porque simpatizava com os modos do rapaz.

- Eu gosto dele porque sempre arranja um jeito de encontrar Fernanda e vem aqui em sinal de respeito a Catarina e a mim, porque afinal o irmão dele Rômulo namora Lorena e vivem muito bem juntos. – disse Glauco.

- Mas ninguém se casou ainda! Essa geração tem juízo nesse ponto! – disse Tibério.

- Se nem nós nos casamos, porque eles haveriam de querer se casar? – sugeriu Dorotéia.

- Eu tenho uma tese! – disse Catarina.

E ela continuou:

- A gente não se casou porque já passou por essa experiência e sabe que um papel passado não é garantia de felicidade. Os jovens aprenderam em casa que as coisas não funcionam assim e como hoje em dia as ofertas são inúmeras para os dois lados, eles preferem não se comprometer antes de acharem que chegou a hora.

Glauco opinou:

- Pois eu não me importaria de me casar com você em qualquer tempo, porque estamos juntos já há mais de dois anos e esse é o tempo desses casais também.

- Pois eu até que queria me casar com a tua irmã, mas ela diz que não carece, porque pode mudar de ideia. – confessou Tibério.

- É verdade Dorotéia? – perguntou Glauco.

- É isso mesmo, meu irmão. Ninguém me garante que essa mudança de Tibério porque parou de trabalhar e se mudou para cá para viver uma nova vida não vá enfastiá-lo. – respondeu Dorotéia surpreendendo a todos.

- Óxente! E eu lá sou homem de querer mais encrenca depois de velho e carcomido? – disse Tibério.

- Carcomido pelo quê seu Tibério? Se o senhor tem energia e saúde a dar com pau? – perguntou Glauco.

O jornalista sorriu e explicou:

- Foram muitos anos sentado naquela cadeira e outros tantos na cadeira de casa escrevendo naquela máquina velha e às vezes sinto pontadas de artrite nos dedos e fisgadas na coluna, mas nada que esses exercícios e os remédios do meu médico não resolvam.

- Então pronto! Para que dramatizar! Basta confessar que ama Dorotéia e tudo está resolvido homem! – disse Glauco.

- Mas isso eu falo todo dia, é ela que não quer se casar, porque diz que foi bem casada, que é mãe e avó e que agora quer se divertir comigo e viver bem. – respondeu Tibério.

- Ah! Ai está o motivo! Viver bem! É isso que nos enche os olhos! E só cada um sabe o que lhe faz bem! – disse Catarina entusiasmada.

Dorotéia sorriu e abraçou a amiga dizendo:

- Finalmente alguém que me compreende! E de que me adiantaria um papel passado se fosse motivo para me divorciar depois? Prefiro viver bem, livre e feliz com Tibério porque ele me quer ao lado dele e jamais quero forçá-lo a passar o resto da vida comigo sem me amar e me desejar.

***AS FLORES DE CACTOS***

O sol se punha em todo seu esplendor na Praia dos Coqueirais, exclusiva do Condomínio Vila Mista e os dois casais de seniores apreciavam o espetáculo diário e gratuito com o qual a natureza presenteava a todos.

Glauco parecia mais do que nunca relaxado e feliz ao lado da paulistana Catarina, que via o mundo com os olhos pachorrentos do nordeste, agora que havia se misturado com a paisagem e os seres humanos de lá.

Tibério mais que decidido a fazer a vida dar certo, estava encantado com a feminilidade e meiguice de Dorotéia, que era incansável em sua sabedoria simples e em aprender sempre novas lições que a vida lhe trouxesse e acreditar na verdadeira intenção do companheiro tinha sido mais uma lição.

O simples sonho de ser feliz e os direitos adquiridos aos sessenta anos pareciam coisa certa e conquistada e os quatro sessentões apreciavam em silêncio, mas de mãos dadas aos pares o esplêndido manifesto da natureza em lhes proporcionar o por do sol mais vívido do mundo, colorido e inigualável.

Catarina em sua sabedoria de vivência como ela costumava dizer sentia-se plena e realizada depois de tantas tempestades e consequências sérias que a vida lhe trouxera.

Ser mãe era essencial e num único filho era possível concentrar toda essa essência que não se aprende se não se treinar.

Doroteia tinha aprendido também com dois filhos homens que lhe trouxeram noras indigestas, mas com benditos frutos de seus ventres, representados por seus netos queridos e amados.

Tibério fora pai dos seus e dos dela, da esposa querida que morreu antes da hora por culpa da mãe dele, que de Cândida mesmo, como ele costumava dizer, só tinha o nome, porque o fel que concentrava dentro dela era poderoso e destilava amargo como os piores momentos da vida em cima de todos.

Foi preciso realmente digerir todos os respingos do fel da mãe dele através de seu livro para que o radialista escritor e poeta finalmente entendesse e perdoasse a mãe maldosa e ingênua das coisas do universo, que sempre cobra a cada um segundo suas obras.

Glauco fora pai extremoso de duas moças muito bem criadas e orientadas na vida, fosse por herança genética de pai ou de mãe, era certo que Flavia e Lorena eram excelentes seres humanos, que agora estavam vivendo experiências de adultos.

O dentista apreciava placidamente o por do sol ao lado da amada paulistana que apimentara sua vida e lhe trouxera os melhores anos, assim como ela podia desfrutar dos seus ao lado dele.

E deixando-se levar pela beleza do momento, Catarina pensou na responsável Fernanda, a querida filha única que ela quase sufocou com seu excesso de zelo e cuidados.

Fernanda havia conquistado uma sólida carreira na repartição para a qual fora designada em Fortaleza e ali fincara suas raízes ao lado de Mucio, o rapaz igualmente responsável que apareceu na hora certa, no momento em que Fernanda estava pronta para aprender e mudar de vida.

Tudo parecia correr bem na simplicidade da casa que Catarina conquistara com a ajuda inegável e bem-vinda de seu amor, Glauco, o dentista, o homem probo, sincero e amoroso que tinha atravessado seu caminho no momento mais favorável de sua vida.

Uma vida vivida basicamente em solidão fosse sozinha mesmo fisicamente ou se sentindo sozinha e mal compreendida entre amigos e parentes.

Ninguém valia seu esforço hercúleo em permanecer na cidade que lhe servira de berço e agora lhe parecia um cárcere privado.

Ela sim é que era privada de tudo, principalmente de recursos financeiros para tocar sua vidinha miúda.

Certamente que Fernanda tinha um bom emprego e podia ajudá-la na época, mas ela não tinha o direito de exigir mais do que a filha lhe dava, porque entendia que a moça tinha seus sonhos de jovem, queria se vestir melhor, passear, se divertir e continuar estudando para se aperfeiçoar em sua área, em um tempo tão competitivo quanto este.

E a solução que Catarina encontrou foi mesmo de procurar alternativas e a um simples clique na Internet, num momento tão descontraído, lá estava o lugar de seus sonhos a três quilômetros de sua amada Fortaleza, seu sonho se materializou em forma do Condomínio Vila Mista, o paraíso pretendido que de quebra lhe introduziu o amor, a amizade e a noção exata do companheirismo e do respeito que ela tanto ansiou na vida.

O ex-marido era passado esquecido e sepultado, Fernanda era o presente e o futuro promissor, assim como Glauco, seu amor amigo e companheiro.

Em Glauco, a filha de Catarina encontrou um novo amigo, parecido com um pai, tão disposto e animado quanto era para suas próprias filhas e a família aumentou, se sentou em volta da mesa e deu muitas risadas oriundas do coração.

Catarina em sua simplicidade sofisticada pôde finalmente viver com plenitude e total desprendimento sua nova vida ao lado do homem que lhe tinha sido destinado desde sempre, Glauco, que ela jamais teria encontrado se não tivesse feito o clique mágico naquela longínqua noite de solidão, mais uma entre tantas...

Benditas flores de cactos que nascem entre espinhos poderosos e que se pode colher com delicadeza, boas intenções e amor puro no coração.